

VIAGEM DO PRESIDENTE GEISEL À REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

REGISTRO HISTÓRICO — REPERCUSSÕES



7.2.1040
98
EMANH
ARÇO
78

VIAGEM DO PRESIDENTE GEISEL À REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

"A visita foi um grande sucesso" – declarou o Presidente Walter Scheel, assim que se despediu do Presidente Ernesto Geisel, que retornava ao Brasil depois de visitar a República Federal da Alemanha, onde permaneceu de 5 a 10 de março de 1978.

Essa viagem do Presidente Geisel foi considerada como estrategicamente preparada, uma vez que serviu para ratificar os compromissos assumidos entre os dois países, nos quais pontificava o acordo nuclear, que começava a ser combatido por outras Nações.

Nos entendimentos mantidos durante a visita, no plano econômico, financeiro e tecnológico, foram considerados, sem unilateralismo, os interesses nacionais do Brasil e da República Federal da Alemanha.

O tempo frio que fazia naquele país, quando o Presidente do Brasil lá chegou, que o acompanhou durante toda a sua permanência, e lá continuava quando o Boeing-707 o trouxe de volta, formava um contraste com o calor humano e a atenção com os quais os elementos da administração e da política da República Federal da Alemanha receberam e trataram o Presidente Ernesto Geisel e sua comitiva, por todo o tempo da visita oficial.

1.º e 2.º DIAS DA VIAGEM - 5 e 6 de março de 1978

Às 12 Horas no Aeroporto de Colônia

O Encontro com o Presidente Scheel

Flores no Monumento às Vítimas das Guerras e das Tiránias

Na Prefeitura de Bonn

Com o Corpo Diplomático . . .

O Jantár na "Redoute"

A Saudação do Presidente Walter Scheel

O Discurso do Presidente Geisel

Café e Folclore

Às 12 Horas no Aeroporto de Colônia

A aeronave brasileira, que transportava o Presidente Ernesto Geisel, sua esposa d. Lucy, a filha Amália e comitiva à República Federal da Alemanha, pousou na área militar do aeroporto de Colônia/Bonn, capital daquele país, às 12 horas do dia 5 de março de 1978.

O Chefe do Cerimonial do Governo alemão, Embaixador Franz Joachim Schoeler, subiu a bordo da aeronave e convidou o Presidente Geisel a desembarcar.

Uma Guarda de Honra aguardava os visitantes, que foram saudados por uma salva de 21 tiros.

Em seguida, o Presidente do Brasil, sua esposa e filha embarcaram em helicóptero que os levou para o Castelo de Gymnich, a 30 quilômetros do aeroporto.

Às 12h30m o helicóptero descia nos jardins do Castelo, construção que data do século XVII, de propriedade do barão Jurg Herr Von Arlach, e utilizada pelo Governo alemão para hospedar visitantes ilustres. O Presidente Geisel, sua família, o Ministro das Relações Exteriores, Azeredo da Silveira e senhora, e o Chefe do Gabinete Militar, General-de-brigada Gustavo de Moraes Rego Reis e esposa, lá ficaram hospedados, durante os cinco dias de visita do governante brasileiro à República Federal da Alemanha.

Fina garoa caía sobre os jardins de Gymnich quando a família Geisel desceu do helicóptero. O Presidente do Brasil agasalhava-se do frio com um sobretudo de lã. Enquanto seguia pela alameda em direção à residência, respondia às perguntas que lhe faziam os repórteres brasileiros que o aguardavam.

Após almoço íntimo, o Presidente Geisel foi repousar. À noite manteve um encontro com os Ministros integrantes da comitiva. No dia seguinte avistar-se-ia com o Presidente da República Federal da Alemanha, Walter Scheel, iniciando, assim, oficialmente a sua visita àquele país.

O Encontro com o Presidente Scheel

Às 11 horas do dia 6, em automóvel especial do Governo alemão, o Presidente Geisel e d. Lucy chegavam à residência do Presidente Walter Scheel, na Vila Hammerschmidt. (Um helicóptero fora o meio de transporte, originalmente previsto, mas a forte cerração daquela manhã alterou os planos).

Ao descer, à entrada principal da residência, o casal Geisel foi recebido pelo Presidente Walter Scheel e sua esposa Mildred.

Os dois presidentes seguiram pelo clássico tapete de veludo vermelho. Postaram-se defronte à Guarda de Honra e, postados lado a lado, ouviram os Hinos Nacionais brasileiro e alemão. Em seguida, o Presidente do Brasil, tendo ao seu lado o Presidente Scheel, passou a tropa em revista.

À entrada da residência oficial, o Presidente Geisel assinou o livro dos visitantes, sob a seguinte inscrição, preparada previamente: "Visita do Presidente da República Federativa do Brasil, Senhor Ernesto Geisel e Senhora Lucy Markus Geisel. 6 de março de 1978".

Após um breve brinde de champagne, na companhia dos Ministros e assessores presentes, os dois presidentes seguiram para a sala principal da residência, em companhia dos Ministros das Relações Exteriores dos dois países, Azeredo da Silveira e Hans-Dietrich Genscher.

Durante o encontro, o Presidente do Brasil recebeu do presidente Walter Scheel a Grande Cruz da Ordem do Mérito Militar, em seu grau máximo, e o respectivo diploma.

As conversações terminaram por volta das 12h30m. A seguir, os dois presidentes, com suas esposas, almoçaram no andar superior.

Flores no Monumento às Vítimas das Guerras e das Tiránias

Ao deixar a residência do Presidente Scheel, o Presidente Geisel seguiu para o "Monumento às Vítimas das Guerras e das Tiránias", localizado em uma praça, ao lado do edifício central da Universidade de Bonn.

O presidente do Brasil chegou ao local por volta das 14h40m. Ao som do toque de silêncio de um clarim, colocou uma coroa de flores sobre o monumento. Depois de permanecer alguns minutos diante da placa de granito preto com inscrições douradas, o Presidente Geisel seguiu de automóvel para a Prefeitura de Bonn.

Na Prefeitura de Bonn

Ao chegar ao antigo prédio da Prefeitura de Bonn, a família Geisel foi recebida pelo Burgomestre (Prefeito) Hans Daniels.

O Burgomestre presenteou o Presidente brasileiro com uma coleção de discos com as nove sinfonias de Beethoven, executadas pela Orquestra Sinfônica de Berlim, e recebeu do Presidente Geisel uma medalha, como lembrança da visita.

Em seguida, o Burgomestre Hans Daniels saudou o presidente Geisel com as seguintes palavras:

"Excelência. Minhas Senhoras e meus Senhores.

Reuniram-se aqui o Conselho e os cidadãos da cidade de Bonn, bem como os principais representantes da Administração da Cidade e da Universidade, para dar calorosas boas-vindas a Vossas Excelências e sua comitiva nesta antiga Câmara Municipal da Capital Federal. Saudamos na pessoa de Vossa Excelência o representante do maior país com a maior população da América Latina. Essa visita à República Federal da Alemanha é para Vossas Excelências — como permanência na terra dos seus antepassados — um acontecimento pessoal todo especial.

A América Latina e particularmente o Brasil foi sempre uma parte do mundo que para nós, os alemães, exerceu extraordinária fascinação. As



O encontro
dos Presidentes
Ernesto Geisel
e Walter Scheel.

boas e calorosas relações entre os nossos dois povos baseiam-se sobretudo na compreensão mútua da nossa cultura e da nossa História, bem como nas ótimas experiências que tivemos desde há muito tempo.

Já no ano de 1800, o famoso cientista alemão Alexander von Humboldt explorou o seu país em viagens de pesquisa. Wilhelm Ludwig von Eschwege é considerado o fundador da mineração e da indústria siderúrgica brasileira. Já na primeira metade do século XIX muitos alemães emigraram para o Brasil e lá colonizaram e exploraram sobretudo o Sul. Na segunda metade do século XX os laços da cooperação econômica teuto-brasileira tornaram-se ainda mais estreitos. Há quinze anos, como membro da Sociedade Teuto-Brasileira, tive pessoalmente a sorte de viajar a seu país e de conhecê-lo melhor. Já nessa época senti que seu país tinha um grande futuro. Além dos esforços imponentes de uma nação industrializada emergente, fiquei particularmente impressionado pela variedade das raças que convivem em paz no seu país.

Os brasileiros e os alemães têm muitas coisas em comum das quais eu gostaria de ressaltar as três seguintes: futebol, carnaval e música.

Desde o nascimento de Ludwig van Beethoven, Bonn é considerada uma cidade da música. Por isso, já há muito tempo é costume aqui oferecer aos nossos hóspedes ilustres obras desse grande filho da nossa cidade. Junto com essa lembrança, externamos o nosso desejo de que a harmonia e a sintonia tão excelentemente exprimidas na música de Beethoven acompanhem o seu Governo e o futuro do seu grande povo.

Excelência, o objetivo especial do seu mandato é diminuir o abismo entre pobres e ricos, ainda existente em muitas partes do seu país. Em muitos países do mundo esse abismo é a célula germinativa do descontentamento e da ausência de paz. Desejamos a Vossa Excelência e ao seu povo felicidade e êxito nessa tarefa tão importante."

O presidente Geisel assim agradeceu à saudação:

"Sinto-me particularmente feliz pela oportunidade de visitar esta bela e hospitaleira cidade, situada às margens de um rio como o Reno, de tão marcante presença na História.

Berço do gênio musical de Beethoven e importante centro universitário e cultural, a cidade de Bonn vê-se elevada hoje à posição destacada de sede do Poder Executivo e do Poder Legislativo do Governo da República Federal da Alemanha.

Como toda capital, Senhor Prefeito, Bonn abriga pessoas providas de todas as regiões do País. Seus habitantes refletem, pois, em sua diversidade, um aspecto populacional da República Federal.

Eis porque desejo, na oportunidade de minha visita a esta Prefeitura Municipal, salientar a amizade entre o povo brasileiro e o alemão, assim como expressar minha convicção de que os já antigos laços que nos unem se fortalecerão ainda mais, no quadro de uma cooperação sempre crescente. Agradeço, muito penhorado, a lembrança que Vossa Excelência me faz das músicas gravadas de Beethoven.

Senhor Prefeito, ao agradecer a cordial acolhida de Vossa Excelência e manifestar-lhe a satisfação de estarmos na sua cidade, peço-lhe que aceite meus votos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e de todos os habitantes de Bonn, bem como pelo êxito da atuação de Vossa Excelência à frente do Executivo Municipal."

Em seguida serviu-se um coquetel aos presentes.

A família Geisel
é recebida na
Prefeitura de Bonn
pelo Burgomestre
Hans Daniels.



Com o Corpo Diplomático

Da Prefeitura de Bonn o Presidente Geisel seguiu para Stadhalle, salão de congressos da Municipalidade de Bonn, onde recebeu os cumprimentos do corpo diplomático acreditado na República Federal da Alemanha.

Em seguida, o Presidente brasileiro retornou ao Castelo de Gymnich, onde, com a família, repousou até a noite, quando iria participar do jantar que o Presidente Walter Scheel e sua esposa ofereceram aos brasileiros visitantes.

O Jantar na "Redoute"

O banquete do Presidente Scheel e senhora começou às 20h30m, na "Redoute", uma casa restaurada pelo Governo alemão, onde Beethoven costumava tocar quando criança.

Logo após chegar ao local, o Presidente Geisel, sua esposa e filha foram apresentados aos convidados, entre eles um seu primo em segundo grau e sua esposa, Walter Geisel e Hedwing Geisel. (O avô do Presidente Geisel e o de Walter Geisel eram irmãos.)

Enquanto transcorria o jantar, a Associação de Música de Câmara com Instrumentos de Sopro de Bonn executava obras de clássicos alemães.

Ao terminar o jantar, quando era servido o champanha, o Presidente Walter Scheel pronunciou um discurso, ao qual o Presidente Ernesto Geisel agradeceu, falando logo a seguir.

A Saudação do Presidente Walter Scheel

O Presidente Walter Scheel saudou o Presidente Ernesto Geisel, ao término do jantar na "Redoute", com as seguintes palavras:

"Tenho grande prazer, Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Senhora Geisel, senhores membros da comitiva, em dar-lhes as boas-vindas à República Federal da Alemanha.

Minha esposa e eu sentimo-nos honrados em poder retribuir a hospitalidade dispensada, com tanta cordialidade, ao Presidente Lubek, por ocasião da visita que fez ao seu país. Desde então, passou-se quase uma década e meia e decorreu mais de um século desde a última visita oficial à Alemanha de um Chefe de Estado brasileiro, o Imperador D. Pedro II.

Esta sua visita, Senhor Presidente, demonstra amplamente o excelente nível que atingiram as relações entre a República Federal da Alemanha e a República Federativa do Brasil e os estreitos elos que unem os nossos povos.

Vossa Excelência vem como representante de um país que desde o século XIX ocupa lugar significativo na comunidade das nações; cujo peso na política mundial cresce constantemente, e que, estamos convencidos, até o fim deste século se incluirá entre as potências mundiais. Na sua pessoa saudamos o estadista que, com segurança, conduziu o país através de um período de grandes transformações. E alegramo-nos que Vossa Excelência, como brasileiro de origem alemã, tenha vindo conhecer a pátria de seus antepassados.

Eu próprio evoco com prazer minhas visitas ao Brasil. No seu país senti toda a vitalidade da América Latina e o dinamismo econômico de sua

Visita do
Presidente
Geisel ao
Monumento
às Vítimas
das Guerras
e das
Tiránias.



O Presidente
Geisel
recebe os
cumprimentos
do Corpo
Diplomático.



maior nação. Para nós, alemães, o Brasil tornou-se símbolo do vigor e das potencialidades dos países emergentes do hemisfério sul. A amplitude do território, sua fertilidade tropical, a abundância dos recursos naturais e, especialmente, o caráter amável do brasileiro revelam para nós, alemães, a vida rica e sedutora do seu país. A imaginação do seu povo nos fascina no barroco brasileiro, com seu realismo mágico, e na elegância monumental de Brasília, cidade sem par. Admiramos o engenho com que o brasileiro eleva suas festas populares, o carnaval e mesmo o futebol ao plano da arte. Testemunho das qualidades humanas do brasileiro é o nascimento de uma nação, na qual convivem, lado a lado, pessoas de diversas cores, raças e credos. O Brasil é considerado um país onde a capacidade de trabalho e o estilo de vida dos mais diferentes grupos étnicos são apreciados sem preconceitos, na medida de sua contribuição para a comunidade. A tolerância é o princípio básico da "democracia racial" brasileira.

Resolver os conflitos pacificamente é velha tradição de seu país. O caráter nacional brasileiro, que corresponde a esta atitude humanística perante a vida, mostra um admirável poder de assimilação: a índole pacífica e a solicitude, a cortesia e o tato; o humor e a dignidade parecem comuns a quase todos os brasileiros, independentemente de sua proveniência. Estas qualidades não apenas criaram um grande país, mas também uma grande comunidade.

Sabemos que seu povo também não ficou imune a tensões internas, dificuldades econômicas e preocupações cotidianas com o direito e a justiça. O exemplo brasileiro, contudo, inspirou confiança ao mundo, no futuro dos modernos países em vias de desenvolvimento.

Com um vigor admirável, o Brasil de hoje constrói um moderno país industrializado. Nós alemães não permanecemos alheios a esse processo. Através da nossa cooperação cotidiana, procuramos conhecer melhor, e levar em consideração, os interesses e as necessidades de seu grande país. E, na medida em que o Brasil lida com problemas da sociedade industrial, cresce sua compreensão para com os nossos próprios problemas e dificuldades. As exportações de produtos industrializados brasileiros para o mundo inteiro, principalmente para a República Federal da Alemanha, crescem em ritmo acelerado. Estamos instalando, juntos, setores industriais completos no Brasil. Os últimos anos demonstraram as enormes possibilidades de ampliação de nossas relações. No campo econômico isto pode ser quantificado. Estou, no entanto, convencido de que a intensificação da cooperação também em outros setores, especialmente no cultural, traz benefícios para ambas as partes. Já faz algum tempo que, num discurso no "Ibero-Club" de Hamburgo, falei sobre as grandes contribuições que a arte e a cultura latino-americanas podem dar à Europa.

Senhor Presidente, não foi só com o início da cooperação industrial que nossos povos se conheceram. Desde o começo, alemães participaram da formação do Brasil. Cabral, descobridor do Brasil, contou com o conselho científico do astrônomo e geógrafo alemão, mestre João. No século XV, o escritor e aventureiro Hans Staden tornou o Brasil conhecido na Europa Central. Na época colonial, colonos e comerciantes, soldados, pesquisadores e técnicos alemães concorreram para a formação do Brasil. Leopoldina de Habsburgo, filha do último imperador romano-germânico, foi a primeira Imperatriz do Brasil. Sua forte personalidade muito tem a ver com a concretização da independência brasileira. Ela também trouxe ao Brasil os primeiros grupos organizados de imigrantes alemães. Nos séculos XIX e XX os imigrantes alemães, à procura de trabalho, liberdade e felicidade, encontraram no Brasil uma nova pátria. O grande sociólogo Gilberto Freire

Jantar oferecido
pelo Presidente
Scheel e senhora
à família Geisel
na "Redoute".



afirmou que, sem a contribuição dos brasileiros de origem alemã, teriam faltado importantes forças e valores para o desenvolvimento do Brasil. Nossa herança comum européia propiciou esta evolução favorável. Estas tradições espirituais e o reconhecimento da interdependência no mundo moderno constituem o fundamento para uma associação que é mais do que uma cooperação comercial. Queremos, conscientemente, aproveitar a oportunidade de ampla cooperação na economia e na política, na ciência e na cultura. Queremos empenhar a nossa amizade como força estabilizadora entre o norte e o sul, a Europa e a América Latina, os países ocidentais e africanos. Uma associação dessa natureza terá o apreço de todos os povos do mundo que com sinceridade empreendem esforços para cumprir pacificamente nossas grandes tarefas comuns: defender a humanidade, em constante crescimento, da fome e da miséria, assegurar a paz e vencer os perigos impostos ao homem e à natureza pela tecnologia moderna."

O Discurso do Presidente Geisel

Depois da fala do Presidente Scheel, o Presidente Geisel proferiu o seguinte discurso:

"As palavras que Vossa Excelência — Senhor Presidente — acaba de pronunciar muito sensibilizaram a mim, à minha esposa e aos brasileiros que me acompanham. Ficamos todos profundamente gratos a Vossa Excelência por mais esta manifestação de apreço e amizade para com nosso País.

Esta manhã, nossa visita à República Federal da Alemanha iniciou-se de maneira extremamente cordial e promissora. As conversas estimulantes e amigas que mantivemos, o almoço que Vossa Excelência e a Senhora Scheel gentilmente nos ofereceram e o programa que hoje cumprimos permitiram-nos sentir a amizade de que somos alvos.

A República Federal da Alemanha é, por todos, reconhecida como um dos mais representativos países do Ocidente. Graças a suas qualidades morais e ao seu gênio criativo, pode o povo alemão exercer extraordinária influência nos destinos de nossa civilização. Na literatura, na arte e na música, assim como na filosofia e na ciência —, em todos os ramos, enfim, da atividade humana —, a presença alemã causa enlevo e é fator de esperança e de progresso.

Por outro lado, a participação ativa da República Federal nos variados foros de negociação é fator altamente positivo para a manutenção da paz mundial e para o desenvolvimento da cooperação entre os povos. Por sua vitalidade econômica e tecnológica, pelo caráter aberto e democrático de seu panorama político e pela disposição revelada por seus homens públicos ao enfrentarem as difíceis responsabilidades que suas funções lhes impõem, a República Federal da Alemanha tem demonstrado capacidade crescente de atuação construtiva, no plano mundial. Confirma-se, assim, na prática contemporânea, os reconhecidos dotes de espírito, de trabalho e determinação que, através dos séculos, grangearam para o povo alemão a admiração e o respeito universais. O Brasil, que mantém com este país as melhores relações, vê, com particular agrado, essa dinâmica participação da República Federal na vida internacional.

Muito desejo que minha visita simbolize precisamente a amizade e o entendimento que existem entre nossos dois países. E creio que nossas relações — não só pelo que hoje representam, mas também por suas tradi-

ções — autorizam amplamente semelhante expectativa. Vossa Excelência evocou, com rara felicidade, a antiguidade de nossas relações e lembrou nomes justamente famosos, cujas contribuições ao entendimento entre brasileiros e alemães ilustram a riqueza que sempre apresentou esse relacionamento. Outros episódios e outras pessoas importantes em nossa história; comum acodem à minha memória. As relações oficiais entre nós datam do alvorecer da vida independente do Brasil, momento em que a nação brasileira ainda buscava consolidar sua personalidade internacional e em que já se via a braços com a necessidade de obter condições equitativas para as trocas comerciais.

Foi a 27 de novembro de 1827 que o Império Brasileiro celebrou o Tratado de Comércio e Navegação com os Senados das cidades livres e hanseáticas de Lubeck, Bremem e Hamburgo. Esse tratado — permita-me que assinale — merece ser recordado tanto por haver servido de marco inicial das relações que hoje florescem quanto por conter valiosos princípios de liberdade do intercâmbio, de estímulo ao comércio e de ampla reciprocidade nos benefícios deferidos às partes, inclusive na concessão mútua do tratamento de nação mais favorecida. Concluído em época particularmente importante da história política do Brasil, o tratado de 1827 caracterizou-se pela igualdade de tratamento, antecipando o profícuo relacionamento que pudemos estabelecer e desenvolver daí por diante.

Desde o início do século XIX, porém, já o Brasil atraía a curiosidade do espírito alemão, como testemunham os trabalhos de Von Eschawege, de Guilherme Luiz Varnhagen e de seu filho, o Visconde de Porto Seguro, assim como de Von Martius e de Von Spix. Da mesma forma que as personalidades citadas por Vossa Excelência, esses nomes, e muitos outros que poderiam ser referidos, despertam em nós, brasileiros, profundas e variadas associações com o nosso passado. Os dois primeiros lembram iniciativas verdadeiramente pioneiras nos campos da geologia e siderurgia; o Visconde de Porto Seguro foi um dos grandes mestres da historiografia brasileira e Von Spix e Von Martius estão indelevelmente ligados ao conhecimento da ecologia, da etnografia e da lingüística brasileiras.

A história da emigração alemã para o Brasil foi encontrar sua origem nesse conjunto de contribuições notáveis. Criou-se na Alemanha, em sequência delas, uma atmosfera de interesse e fascínio pelas possibilidades do novo país, sobre o qual o próprio Goethe procurou informar-se diretamente com Von Martius e Von Eschawege. Em setembro de 1822, escreveu ele, em carta, sua admiração pela terra brasileira, escrevendo: "O Brasil, esse continente imenso, desvenda-se cada vez mais à minha inteligência". E em 1825, compôs uma poesia sobre temas brasileiros.

Início auspicioso veio a ter o movimento migratório alemão, que atravessou o século XIX, para estender-se a este em que vivemos. A migração germânica é, sem dúvida, episódio importante na formação da gente brasileira e, conseqüentemente, na aproximação entre nossos dois povos. Sua contribuição tem sido particularmente notável em meu estado natal e nos que lhe são próximos: esses imigrantes, esses brasileiros, estão, há muitos anos, integrados na vida nacional e com seu trabalho valioso participam de nossa civilização, de nossa economia e de nosso progresso.

Esta minha visita permite evocar o muito que, no passado, ligou brasileiros e alemães. Servirá, também, creio, para sublinhar o que estamos fazendo, em nossos dias, no terreno da cooperação entre os dois países. Os resultados expressivos dessa cooperação demonstram o quanto podem alcançar dois países amigos quando decidem, honestamente, unir esforços em benefício mútuo. O Brasil e a República Federal da Alemanha souberam

aproveitar, de forma criadora, sua tradicional amizade e os vínculos de confiança recíproca para instituir mecanismos de cooperação pacífica e mutuamente benéfica. Prova disso são os múltiplos instrumentos que temos assinado e implementado, entre os quais sobressai o acordo de cooperação no campo dos usos pacíficos da energia nuclear em 1975.

Numa situação internacional como a presente, em que nem sempre predomina a harmonia e em que, apesar de todos os avanços da tecnologia das comunicações, os povos ainda não se conhecem suficientemente, deixam às vezes de receber o devido reconhecimento a magnitude e o sentido progressista dos esforços que nós, brasileiros, estamos fazendo para construir uma sociedade aberta, democrática e justa.

Na República Federal, quero crer, essa situação de relativo desconhecimento dos propósitos brasileiros vem sendo corrigida por força mesmo da crescente importância de nossas relações. É minha convicção que cabe a nós, homens de Estado, contribuir para acelerar, ainda mais, esse processo de entendimento. O discurso que Vossa Excelência acaba de pronunciar é uma excelente contribuição no sentido de fomentar simpatias recíprocas e de desfazer preconceitos ou enganos de percepção acaso existentes. Nesse contexto, desejaria relembrar as numerosas e produtivas visitas trocadas por personalidades de nossos dois países a começar pela que nos fez o presidente Lubeck, há quinze anos passados. Recordaria, também, a proveitosa visita, que anos atrás Vossa Excelência, na qualidade de Ministro dos Negócios Estrangeiros, fez ao meu país e que correspondeu a uma etapa importante no processo de amadurecimento de nossas relações.

Espero que essas profícuas relações possam, ainda, ter maior desenvolvimento. O sentido de minha visita amiga à República Federal da Alemanha é o de propiciar condições para que se intensifique a cooperação existente e se amplie o seu raio de ação."

Café e Folclore

Depois da fala dos dois presidentes foi servido o café, e um conjunto folclórico da Baviera fez uma exibição, que durou cerca de 20 minutos.

Em seguida, o Presidente do Brasil e família retornaram ao Castelo de Gumnich.



Os Presidentes
Ernesto Geisel e
Walter Scheel.

3.º DIA DA VIAGEM - 7 de março de 1978

Os Encontros com Genscher e Brandt

O Encontro Geisel - Helmut Schmidt

Saudação de Helmut Schmidt

O Presidente Geisel Agradece a Saudação de Schmidt

O Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários

O Discurso do Presidente da Federação das Indústrias Alemãs

O Presidente Geisel Discursa no Encontro Teuto-Brasileiro

O Jantar ao Presidente Scheel

Os Encontros com Genscher e Brandt

A manhã do dia 7, terceiro dia da visita do Presidente Geisel, foi reservada para encontros com o ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente do Partido Liberal Democrata, Hans-Dietrich Genscher; e o presidente do Partido Social Democrata, Willy Brandt.

Às 8h15m, daquele dia frio e cinzento, chegava ao Castelo de Gymnich o Ministro Hans-Dietrich Genscher, que conversou com o Presidente Geisel por quase uma hora. Ao sair do encontro, o presidente do Partido Liberal Democrata disse à imprensa que o aguardava que os dois países manterão no futuro consultas permanentes, para discutir problemas de política internacional, e que "a visita do Presidente Geisel é o ponto culminante das relações entre os dois países".

Pouco depois, o Presidente do Brasil mantinha palestra com o presidente do Partido Social Democrata, Willy Brandt, que chegara para o encontro às 9h45m. O Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Azeredo da Silveira, também participou desse encontro.

A audiência do Presidente Geisel ao presidente do Partido Social Democrata durou 60 minutos. Quando se dirigia ao seu automóvel, interpelado pelos repórteres, Willy Brandt disse que ele e o Presidente Geisel haviam falado sobre as questões do diálogo mundial Norte-Sul, e que haviam formulado ao Presidente do Brasil perguntas sobre o desenvolvimento do seu país.

Terminadas as audiências com os dois políticos, o Presidente Ernesto Geisel, o Ministro Azeredo da Silveira e o General Moraes Rego dirigiram-se a pé a um campo próximo, onde dois helicópteros os esperavam para levá-los a Bonn, onde se reuniriam com o Chanceler Helmut Schmidt, Chefe do Governo da República Federal da Alemanha.

O Encontro Geisel - Helmut Schmidt

Eram 11h30m quando o Presidente Geisel chegava à Chancelaria, onde foi recebido, à porta, pelo Chanceler Helmut Schmidt. Assim que entraram no prédio, os dois Chefes de Governo posaram para fotógrafos e cinegrafistas em um sofá do salão de espera. Em seguida tomaram o elevador que os levou ao gabinete do Chanceler alemão.

Quase duas horas após o Presidente do Brasil e o Chanceler Schmidt saíam do prédio da Chancelaria e, caminhando pela alameda dos jardins, foram até o Palácio Scharmburg, residência do Chefe do Governo alemão, onde o Chanceler Helmut Schmidt ofereceu almoço ao governante brasileiro e comitiva.



O encontro do Presidente Geisel com o Ministro Hans-Dietrich Genscher.



Willy Brandt, presidente do Partido Liberal Democrata, em seu encontro com o Presidente Geisel.

Saudação de Helmut Schmidt

Ao encerrar-se o almoço, o Chanceler Helmut Schmidt saudou o Presidente Geisel com um discurso de improviso, no qual afirmou, a certa altura: "O Senhor Presidente Geisel tomou, desde o começo do seu mandato, o caminho para uma nova ordem democrática, que nós acompanhamos com confiança". E mais adiante: "Temos a impressão de que, no fundo, nós temos as mesmas concepções básicas de uma sociedade na qual os direitos fundamentais do homem devem ser garantidos segundo a Carta das Nações Unidas.

"No campo do diálogo Norte-Sul — prosseguiu o Chanceler Schmidt — nunca tivemos diferença de interesses ou de opinião com o Brasil. Ao contrário, nós, que observamos o desenvolvimento de seu país com muito interesse, estamos felizes com nossas relações."

E finalizou sua oração manifestando a esperança de que a visita do Presidente Geisel à República Federal da Alemanha dê novos impulsos às relações entre os dois países.

O Presidente Geisel Agradece a Saudação de Schmidt

Em agradecimento às palavras do Chanceler Helmut Schmidt, assim falou o Presidente Geisel:

"Excelentíssimo Senhor Chanceler Federal.

Senhores.

As generosas palavras que Vossa Excelência dirigiu ao meu país fazem com que todos os brasileiros lhe fiquemos extremamente agradecidos. Como Presidente da República, desejo fazer-me intérprete desse reconhecimento, o qual, a cada dia de nossa visita, só faz crescer, tantas têm sido as atenções que temos recebido por parte do Governo e do povo da República Federal da Alemanha.

Nós, brasileiros, sabemos identificar e valorizar a hospitalidade —, porque ela é um dos traços marcantes de nossa gente — e, nas palavras de Vossa Excelência, tivemos a satisfação de reencontrar esse sentimento acolhedor, que nos faz lembrar nossa própria casa, e nossa própria terra.

O Brasil reconhece, na República Federal da Alemanha, um país que participa, de forma altamente positiva e relevante, das relações internacionais contemporâneas. A vitalidade econômica e tecnológica da República Federal, assim como seu elevado grau de maturidade política, lhe conquistaram o respeito de todo o mundo. Apreciamos, no Brasil, a importante contribuição que a República Federal tem emprestado à negociação das questões relativas à paz, ao desarmamento e à segurança internacional. Distinção do seu país é o interesse pela cooperação entre os povos e pelas possibilidades que a mesma abre para que mais rapidamente se solucionem os grandes problemas que afligem a humanidade. Em consequência, a República Federal revelou ter condições especiais para bem compreender a determinação de países, como o Brasil, que desejam seja a tecnologia moderna posta a serviço da paz e do desenvolvimento.

Nossas relações, Senhor Chanceler, se assentam sobre base firme. Os altos níveis de cooperação hoje vigentes não foram alcançados em um só dia. São, ao contrário, lastreados por sólidas e antigas relações de amizade e pela objetividade e respeito mútuo com que elas têm sido conduzidas. Em anos recentes, instrumentos bilaterais como o Acordo Básico de Coope-



O Presidente
Ernesto Geisel
com o Chanceler
Helmuth Schmidt.



ração Técnica, o Acordo Cultural e o Acordo Geral sobre Cooperação nos Setores da Pesquisa e do Desenvolvimento Tecnológico foram gradualmente negociados e proporcionaram valiosas experiências de trabalho conjunto e de confiança recíproca. Seus resultados alentaram-nos a prosseguir, decididamente, na trilha da cooperação.

Há pouco menos de três anos, em junho de 1975, alcançávamos novo marco em nosso relacionamento, com a celebração, aqui mesmo, nesta bela e hospitaleira cidade de Bonn, do Acordo sobre a Cooperação nos Usos Pacíficos da Energia Nuclear, entre o Brasil e a República Federal da Alemanha. Esse acordo constitui ponto culminante do processo de aproximação e de cooperação entre nossos dois países.

Entretanto, olhando para o futuro, não hesito em afirmar a convicção de que ele representa, também, um ponto de partida para novos esforços em comum na área de cooperação que viermos a selecionar. Minha visita, Senhor Chanceler, simboliza essa disposição por parte do Brasil.

Temos encontrado restrições à nossa cooperação no campo dos usos pacíficos da energia nuclear. Não obstante, agindo sempre em comum, temos sabido conquistar a confiança da comunidade internacional para nossos propósitos exclusivamente pacíficos e para legitimidade de nossas preocupações com o desenvolvimento tecnológico e o abastecimento energético, livres de dependências. Mercê de nossos esforços, podemos afirmar com satisfação que a implementação do acordo e, em particular, o programa nuclear brasileiro se desenvolvem em ritmo normal, e assim continuarão.

O Brasil é um país que se preocupa com a paz e a segurança internacionais. Considera o Brasil que a urgente cessação da carreira armamentista, sobretudo no plano nuclear, é essencial para que se possa estabelecer um convívio harmonioso entre os Estados. A acumulação de arsenais nucleares, além de ser fator de tensão internacional, põe em permanente risco a própria sobrevivência da humanidade.

O Brasil é um país que busca colaborar com todos os povos. Estamos convencidos de que a cooperação internacional, conduzida de maneira franca e leal e que beneficie equitativamente as partes nela envolvidas, serve para aproximar as nações e contribui para acelerar o seu desenvolvimento econômico. Nesse espírito, não só buscamos a cooperação dos países econômico e tecnologicamente desenvolvidos, mas também temos procurado com os meios ao nosso alcance cooperar com os numerosos vizinhos da América Latina e da África, com os quais convivemos de forma harmoniosa e solidária.

O Brasil é uma Nação voltada para o desenvolvimento em benefício de cada um de seus filhos. Meu Governo, como os dos que me antecederam, empenha-se em reunir todas as forças do país para promover a superação dos desequilíbrios sócio-econômicos existentes e para a construção de uma sociedade aberta e democrática, uma sociedade em que todos participem, de forma equitativa, dos frutos do progresso econômico. Esse magno empreendimento, no entanto, nem sempre tem sido perfeitamente compreendido nos países economicamente avançados.

Múltiplas serão, sem dúvida, as razões para tal incompreensão e a menor delas não será o desconhecimento da realidade brasileira. Apesar de todos os avanços na tecnologia das comunicações, vastos setores da humanidade continuam, paradoxalmente, a viver isolados e, o que é pior, os fluxos internacionais de informação são, notoriamente, mais densos no sentido norte-sul do que na direção inversa.

Persistem, assim, barreiras artificiais que dificultam o entendimento, especialmente quando se somam a outros obstáculos, menos aparentes,

ao diálogo e à compreensão. É freqüente, por exemplo, que o esforço brasileiro de desenvolvimento político, econômico e social seja aferido a partir de modelos teóricos, elaborados com base na vivência de outros países e de outros continentes. A aplicação mecânica desses modelos a realidades distintas distorce as análises e pode levar a conclusões errôneas, senão mesmo prejudiciais.

Nem sempre, permita-me citar um exemplo, vejo suficientemente valorizada, no Exterior, a magna realização da sociedade brasileira que foi e é a conquista de nossa unidade nacional.

Desde os tempos coloniais, não foram poucos os obstáculos, mas a Nação brasileira soube conservar sua personalidade e feições próprias, ao mesmo tempo que foi capaz de absorver variadíssimas contribuições étnicas e influências culturais. Nosso vasto território abriga, como disse, uma população diversificada, mas que fala a mesma língua, tem seus costumes próprios e está unida por valores e aspirações que lhe são comuns. Ainda hoje, a sociedade brasileira preserva a inteireza de seu caráter, assim como mantém uma atitude positiva com relação às contribuições que lhe vêm do Exterior.

Somente um clima de boa vontade e de entendimento, como o que felizmente predomina nas relações entre os nossos dois países, permitirá superar as dificuldades de percepção, a que acabo de me referir. É minha opinião que, no particular, o Governo da República Federal tem uma importantíssima contribuição a prestar — e já o está fazendo — para eliminar obstáculos e, mesmo, para, construtivamente, facilitar o fortalecimento dos laços que ligam os dois governos, os dois países e os dois povos.

No terreno das relações econômicas, por exemplo, existe claramente larga faixa por onde poderá progredir o entendimento entre nossos dois países. Já provamos, no campo da cooperação, tanto tecnológica quanto financeira, que somos bons parceiros e que sabemos trabalhar num clima de confiança recíproca. Agora, é chegado o momento de ampliarmos nossos horizontes. A pauta de comércio entre o Brasil e a República Federal da Alemanha merece um exame crítico por ambas as partes, com vistas não só a tornar mais dinâmico o fluxo de trocas, mas também a dar-lhe composição mais equilibrada.

“Senhor Chanceler,

A mensagem que trouxemos a Bonn é extremamente positiva. Colocamos nossa confiança na cooperação, no diálogo e no respeito mútuo. Nossa experiência comum é altamente encorajadora e cabe a nós mesmos encontrar caminhos para fazê-la ainda mais ampla e proveitosa.

Permita-me reiterar-lhe meus agradecimentos pela acolhida que aqui estamos recebendo e convidar todos os presentes a levantar suas taças pela prosperidade crescente da República Federal da Alemanha e de seu povo, pelo estreitamento dos laços que ligam brasileiros e alemães e pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora Schmidt.”

Do Palácio de Schaumburg o Presidente Ernesto Geisel seguiu para o edifício-sede da Federação das Indústrias Alemãs, para a abertura dos trabalhos do “Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários”.

O Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários

O Presidente do Brasil chegou ao “Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários” por volta das 16 horas, e foi recebido pelo presidente da Federação das Indústrias Alemãs, Nikolaus Fasolt, que o acompanhou até o salão

onde mais de 200 empresários do Brasil e da República Federal da Alemanha o aguardavam.

Ao ingressar no recinto do encontro, o Presidente Geisel foi aplaudido pelos empresários e autoridades. A delegação, de quase uma centena de empresários brasileiros, era chefiada pelo presidente da Confederação Nacional das Indústrias, Dionísio Velloso.

Assim que se sentou à mesa principal, ao lado do presidente da Federação das Indústrias Alemãs, Nikolaus Fasolt, este levantou-se e saudou o Presidente Geisel com um discurso.

O Discurso do Presidente da Federação das Indústrias Alemãs

O presidente da Federação das Indústrias Alemãs, Nikolaus Fasolt, assim saudou o presidente Geisel:

"Senhor Presidente,

É para mim uma honra especial receber Vossa Excelência e os membros de sua comitiva na Casa da Indústria Alemã. Em nome de todos os representantes da economia alemã aqui presentes, agradeço a Vossa Excelência a honra que nos concede em visitar-nos, como Presidente e Chefe de Estado da República Federativa do Brasil. Também desejo dar minhas calorosas boas-vindas às importantes personalidades do Governo e da Indústria de seu país, que acompanham Vossa Excelência. Sentimos, assim, a importância que Vossa Excelência e os empresários brasileiros atribuem à cooperação com a indústria alemã. Os Ministros de Estado e os presidentes de importantes instituições e sociedades que aqui se encontram constituem, com sua presença, garantia de que os contatos com os empresários alemães serão altamente produtivos.

Recebemos com muito prazer a sugestão de seu Governo de promover um Encontro de Empresários Teuto-Brasileiros, por ocasião da sua visita à República Federal da Alemanha. O eco entusiástico que despertou entre os empresários brasileiros e alemães comprova o grande interesse de ambos os lados na ampliação de nossa cooperação econômica: essa ampla ressonância constitui, ao mesmo tempo, um barômetro das boas relações entre os nossos dois países.

A reunião de Colônia representa um prosseguimento de encontros anteriores no seu país e em várias cidades alemãs. Permito-me evocar um desses acontecimentos: o Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários que se realizou em agosto de 1977, na Confederação Nacional da Indústria brasileira, no Rio de Janeiro. Alegro-me de que o dr. Sohl, que chefiou naquela época a delegação da Confederação da Indústria Alemã, se encontre hoje entre nós. Vossa Excelência, Senhor Presidente, concedeu também, naquela oportunidade, à delegação alemã, a honra de uma audiência.

Os meios econômicos alemães não apenas vêm seguindo com grande interesse os esforços muito expressivos e eficazes de seu Governo na promoção do desenvolvimento econômico e industrial de seu país, mas também têm participado com grande esforço na consecução dessa grande tarefa.

O Brasil atravessou, nos últimos vinte anos, um desenvolvimento industrial extraordinário, ao qual nós somente podemos dispensar nosso mais alto tributo. Falou-se, inclusive, de terceiro milagre econômico acontecido no mundo, após os sucessos da Alemanha e do Japão. O atual estágio e as possibilidades futuras de desenvolvimento da economia brasileira são um

desafio para todo empresário. Isso tanto mais que se executa no Brasil uma política econômica que promove uma utilização eficiente dos recursos tão amplamente existentes no país. Vossa Excelência declarou várias vezes pessoalmente que as funções necessárias de controle econômico exercidas pelo Estado não devem interferir na economia de mercado e que todos os setores diretamente produtivos devem ser domínio da economia privada. Esse episódio aberto com relação à iniciativa privada no seu país representa também um estímulo para o investidor externo. Mais de 500 empresas alemãs já investiram no Brasil. Com quase 3,8 bilhões, os investimentos diretos alemães no Brasil são os maiores em um só país da Europa e dos Estados Unidos da América.

Muitas outras firmas alemãs desenvolvem relações comerciais intensas com o Brasil. O intercâmbio comercial constitui uma das bases do bem-estar e do progresso da economia moderna. Nosso interesse comum consiste em defender o livre comércio internacional contra recursos ao protecionismo. Para o Brasil e a República Federal da Alemanha, o livre acesso aos mercados internacionais na exportação e na importação é igualmente vital. No ano passado, o Brasil teve pela primeira vez um "superávit" no comércio com a República Federal da Alemanha. Nós consideramos esse um sinal da crescente pujança da economia brasileira. Não obstante a diminuição das exportações alemãs para o Brasil nos últimos três anos, seu país continua a ser, como antes, um dos nossos mais importantes mercados de além-mar. Também do ponto de vista de nossas importações, seu país tem grande significado para nós: o Brasil é um de nossos mais importantes fornecedores.

Também no setor do movimento de capitais, ambos os países concedem grande importância à maior liberdade possível, no interesse da divisão internacional de trabalho. Essa liberdade tem contribuído grandemente para o desenvolvimento econômico de nossos dois países.

Para encerrar, permita-me citar ainda uma razão pela qual tantos investidores tiveram sucesso em sua participação no Brasil: o clima de estabilidade política que reina nesse importante país, aliado à primazia atribuída à competência, com que grandes tarefas e pequenos problemas de todos os dias são resolvidos. Isso dá a nós, empresários, a certeza de que podemos ter confiança no futuro. Ademais, também a amabilidade e a tolerância do povo brasileiro fazem com que os estrangeiros se sintam bem-vindos, não só como empresários, criadores de lugares de trabalho, mas também como pessoas humanas.

Esperamos, Senhor Presidente, que a visita de Vossa Excelência à República Federal da Alemanha contribua para intensificar as boas relações entre nossos países e abrir caminho para novos laços.

Permita-me, enfim, passar a palavra a Vossa Excelência."

O Presidente Geisel Discursa no Encontro Teuto-Brasileiro

Na abertura do "Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários, o Presidente Geisel pronunciou o seguinte discurso:

"Minhas Senhoras, meus Senhores,

Com grande satisfação venho saudá-los na abertura deste "Encontro Teuto-Brasileiro de Empresários", iniciativa que coincide de forma auspiciosa com minha visita oficial à República Federal da Alemanha.

Aqui se congregam os esforços de importantes entidades alemãs, notadamente a Confederação da Indústria Alemã, a Associação das Câmaras de Indústria e Comércio, a Associação Alemã para o Comércio Atacadista e Exterior e a Associação Íbero-Americana e suas congêneres brasileiras, as Confederações Nacionais da Indústria, do Comércio e da Agricultura.

As relações comerciais e financeiras entre nossos dois países vêm se desenvolvendo com notável dinamismo. A República Federal da Alemanha é hoje o segundo parceiro comercial do Brasil, quer em volume de investimentos diretos quer em exportações.

Nossas contas de comércio, após um período de sistemáticos déficits do lado brasileiro, virtualmente se equilibram em 1977. Os recentes lançamentos de empréstimos sindicados e bônus, da República Federativa do Brasil e de algumas das maiores companhias brasileiras, têm encontrado excelente receptividade no mercado de capitais alemão. Essas posições provam, antes de mais nada, a confiança mútua entre nossos Governos e empresas.

Creio que temos pela frente enorme potencial de expansão, quer no campo do comércio, quer no do movimento de capitais. Somos suficientemente complementares em recursos naturais, capital e tecnologia, para tirarmos o maior proveito de nossas vantagens comparativas. Acreditamos na eficiência econômica e no pluralismo social proporcionados pelo funcionamento dos mecanismos de mercado e pela primazia da iniciativa privada no processo de nosso desenvolvimento.

Julgamos que um país que anseia pelo rápido aumento de renda per capita, embora tendo que apoiar primordialmente suas empresas nacionais, não deve prescindir da colaboração do capital estrangeiro, com seu aporte de recursos, experiências e tecnologia. Sabemos que nenhum processo de desenvolvimento duradouro se pode construir sem a indispensável estabilidade das instituições políticas e das regras do jogo econômico.

E acreditamos imprescindível a cooperação econômica internacional, reconhecendo que o isolacionismo e a defesa unilateral dos interesses acabam por se transformar num jogo onde só há perdedores.

Vivemos uma era de intensos desafios que nos obrigam a repensar os princípios que devem reger as políticas econômicas nacionais e as regras de cooperação entre as Nações.

A crise do petróleo trouxe à tona problemas de inflação, de desemprego, de desajuste de balanço de pagamentos, para os quais a civilização ocidental precisa encontrar soluções urgentes.

A curto prazo, o problema mais agudo é o de chegar-se a uma distribuição internacional adequada para a contrapartida dos superávits estruturais da conta-corrente da OPEP, que anualmente se vêm repetindo na faixa dos 30 a 40 bilhões de dólares. Enquanto esses superávits, que representam o déficit coletivo dos países importadores de petróleo, persistirem em semelhante ordem de magnitude, não é possível pensar verdadeiramente em equilíbrio internacional, mas apenas em uma distribuição mais equitativa e programática dos desequilíbrios.

Se cada país procura fugir à sua participação nesse déficit coletivo, isolando-se nos seus instrumentos de contenção monetária e fiscal e no protecionismo aduaneiro, conseguiremos apenas a perpetuação dos problemas de desemprego, com a sistemática debilidade do crescimento econômico e com a acumulação de déficit em países talvez pouco preparados para equacionar seus problemas de balanço de pagamentos.

Infelizmente, esse problema de curto prazo está longe de ter encontrado uma solução cooperativa satisfatória.

Se os efeitos recessivos da crise do petróleo foram menos dramáticos do que vaticinaram alguns profetas do pessimismo, é certo que o ritmo de crescimento da produção e do emprego das nações industrializadas está longe de se sustentar em taxas satisfatórias.

Isso sugere que a insuficiente cooperação entre as nações, de alguma forma, nos aproxima do modelo de nivelamento por baixo.

Alguns países de alta renda per-capita têm assumido grande participação no déficit coletivo dos importadores de petróleo, mas à custa do inevitável enfraquecimento de suas moedas.

E a maior parte desse déficit coletivo tem recaído sobre as nações em desenvolvimento, criando-lhes sérios problemas de endividamento externo e de balanço de pagamentos.

Faz parte da ordem econômica natural que os países em desenvolvimento, como receptores de capital estrangeiro, apresentem algum déficit na conta-corrente de seu balanço de pagamentos e endividam-se para acelerar seu desenvolvimento. O problema não é dos sinais, mas o das qualidades.

Pela debilidade de seu mercado interno, alguns países exportadores de petróleo tornaram-se exportadores de capitais, em montantes que não encontram precedentes na história econômica mundial.

Essas condições anômalas obrigam-nos a redimensionar os padrões aceitáveis de endividamento, de relações quanto ao serviço da dívida e de déficits em conta-corrente. Mas não há fórmula aceitável nesse redimensionamento que leve um grupo de países a comprometer uma parcela perigosamente crescente de suas exportações, já não digo na amortização de empréstimos, mas no simples pagamento de juros.

O problema que hoje enfrentamos, no quadro financeiro mundial, não é o da reciclagem dos saldos da OPEP, a qual tem sido satisfatoriamente operada pelas instituições internacionais e, sobretudo, pelo sistema financeiro privado. Mas o do balanceamento adequado dos déficits em conta-corrente, encargos da dívida e exportações dos países devedores.

Com grandes sacrifícios, quer em termos de taxas de inflação, quer em matéria de renúncia às excepcionais taxas de crescimento do passado, o Brasil tem conseguido equacionar sua quota-parte do problema, aumentando vigorosamente suas exportações e detendo o crescimento de suas importações. Em 1974, sob o primeiro impacto da crise do petróleo, apresentamos 4,6 bilhões de dólares de déficit comercial, com 8 bilhões de exportações e 12,6 bilhões de importações. Graças aos sucessivos esforços de contenção e substituição das importações, estas limitaram-se, em 1977, a 12 bilhões de dólares, não obstante o crescimento da economia brasileira e os aumentos internacionais de preços. E, em três anos, aumentamos de 53% nossas exportações, passando do inquietante déficit comercial de 1974, para o pequeno, mas já expressivo, superávit de 138 milhões de dólares em 1977. Nossas reservas cambiais, que em meados de 1976 haviam caído a 3,3 bilhões de dólares, chegaram ao seu máximo histórico de 7,2 bilhões no final do ano passado. O crescimento dinâmico das exportações tem permitido que os encargos da dívida se conservem em proporção adequada da receita cambial.

E o nível de reservas internacionais é uma válvula de segurança preciosa para enfrentar imprevistos e situações de emergência.

A solução brasileira, todavia, não apenas exige ampla determinação de um povo e de um Governo. Ela só pode ser generalizada para os países em desenvolvimento se houver a compreensão das Nações industrializadas. Nesse sentido, a cooperação internacional há que lembrar os princípios da

lógica. Há o consenso de que os superávits da OPEP, pelo menos a curto prazo, não podem ser substancialmente reduzidos.

Há o consenso de que o déficit coletivo dos importadores de petróleo, salvo talvez em 1977, está recaindo em proporções exageradas sobre as nações de menor renda per-capita, agravando-lhes o problema de endividamento. Logicamente se segue que não há outra solução a não ser a rápida expansão das exportações dos países em desenvolvimento.

Essas exportações, em parte, dependem do esforço individual de cada nação e o Brasil tem demonstrado que bons resultados podem ser conseguidos. Mas dependem igualmente da expansão dos mercados dos países industrializados em função do seu crescimento interno e da diminuição das tendências protecionistas.

Compreendemos que os países desenvolvidos não desejam adotar fórmulas de cooperação internacional que impliquem no recrudescimento de sua taxa de inflação. A alta desordenada dos preços é o pior imposto que se pode lançar sobre uma sociedade, e apreciamos a grande prioridade que o povo alemão atribui à estabilidade monetária.

Em virtude de razões históricas adotamos no Brasil fórmulas que permitem conciliar o desenvolvimento com taxas pouco ortodoxas de inflação: a indexação dos salários, impostos, empréstimos e valores contratuais e, indiretamente, da taxa de câmbio, pelo sistema das minidesvalorizações. Essas fórmulas, apesar de seus efeitos realimentadores das altas de preço, se têm revelado profícuas entre nós.

Mas não pretendemos exportá-las para as nações industrializadas, tradicionalmente habituadas à estabilidade dos preços. Deve-se notar que, mesmo no Brasil, apesar do efeito neutralizador das distorções proporcionado pela indexação, os maiores reclamos da sociedade brasileira recaem sobre a contenção das taxas de inflação.

A preocupação antiinflacionária dos países industrializados, a expansão de seu produto e do seu nível de emprego e a melhor divisão internacional dos déficits em conta-corrente dos países importadores de petróleo, no entanto, não são objetivos incompatíveis. A conciliação pode ser encontrada na diminuição das barreiras protecionistas que as nações industrializadas opõem às exportações dos países em desenvolvimento.

Um tratamento não paternalista, mas efetivamente preferencial a essas exportações, em tantos casos sujeitas a flutuações pela instabilidade dos preços dos produtos primários, parece condição imprescindível à melhor composição do atual quadro econômico mundial. A ninguém interessa a persistência de uma situação que possa levar algumas nações em desenvolvimento a problemas praticamente sem remédio.

Por certo, não há como eternizar, para o comércio mundial, soluções que partam do pressuposto de que os países da OPEP continuarão com superávits anuais semelhantes aos registrados nos quatro últimos anos. Esse é um quadro de transição, suficientemente importante para que procuremos solucionar seus problemas, mas insuficientemente estável para que sobre ele possamos projetar o futuro.

O grande desafio para a humanidade de hoje é a busca de novas fontes de energia que nos livrem da superdependência do petróleo. Por certo, o quadro atual é de relativa abundância da oferta. Também é inegável que os preços do óleo cru, a partir de outubro de 1973, tornaram economicamente viável a prospecção e o aproveitamento de reservas que anteriormente seriam rejeitadas pelo seu alto custo. O caso mais importante é o das explorações em plataformas submarinas, onde o Brasil tem conseguido resultados promissores e a Europa ingressa na nova fase no Mar do Norte.

Nada indica, todavia, que esse quadro de relativa abundância se estabilize nos próximos dez ou quinze anos. De um lado, é preciso retomar os esforços de conservação das fontes não renováveis de energia. Nesse sentido, é de se reconhecer que, pelo menos, parte do desequilíbrio mundial poderia ser atenuado pela diminuição de desperdício de energia das nações industrializadas. Mas, de outro lado, cabe ativar a cooperação internacional na direção do aproveitamento de novas fontes. Nesse particular, devemos classificar, como marco histórico, o Acordo Nuclear firmado em 1975 entre nossos dois países. O maior aproveitamento do carvão, do xisto betuminoso e de outras reservas energéticas são alternativas que devemos buscar, cada país explorando da melhor maneira as suas potencialidades naturais.

Cumpra, ademais, aproveitar, ao máximo, as fontes de energia que, renovadas que são pela natureza, não correm perigo da exaustão. O exemplo clássico, que no Brasil é responsável pela quase totalidade da geração de energia elétrica no momento, é o do potencial hidráulico.

Na linha dos recursos renováveis estamos, no Brasil, desenvolvendo importante programa, o do uso do álcool carburante como substituto dos derivados do petróleo. Até que a tecnologia consiga, o que ainda parece distante, domar a fusão do núcleo do hidrogênio para fins pacíficos, são esforços desse teor que irão determinar os horizontes de bem-estar da humanidade nas próximas décadas.

Meus senhores: concebemos o desenvolvimento como o aproveitamento organizado dos recursos naturais, do capital, do trabalho e da tecnologia em prol do bem-estar dos povos."

O Jantar ao Presidente Scheel

Depois do encontro com os empresários, o Presidente Geisel retornou ao Castelo de Gymnich, onde descansou até as 20 horas.

Às 21 horas, o Presidente Ernesto Geisel e senhora ofereceram ao presidente Walter Scheel e senhora um jantar no Hotel Bristol.

Ao término do jantar, o Presidente do Brasil ergueu um brinde aos presentes, ocasião em que assim se manifestou:

"Permita-me, Senhor Presidente, expressar, nesta ocasião, minha satisfação pessoal e a dos membros de minha comitiva, em ter conosco esta noite, Vossa Excelência e a Senhora Scheel, bem como todos os ilustres convidados alemães.

A amizade entre o Brasil e a República Federal da Alemanha está sendo amplamente reafirmada nestes dias. Nosso crescente entendimento já está produzindo seus frutos em benefício de ambos os países, em variados campos. Tal situação alentadora é atestada, inclusive, pela presença entre nós, esta noite, de homens de empresa diretamente interessados no intercâmbio comercial e financeiro entre o Brasil e a República Federal da Alemanha.

Convido os presentes a erguerem suas taças em homenagem à República Federal da Alemanha e a seu povo, por suas realizações presentes e futuras, e pela felicidade pessoal do Presidente e da Senhora Scheel e de todos os convidados que nos honram com sua presença."

Em seguida levantou-se o Presidente Walter Scheel, e agradeceu ao brinde do Presidente Geisel com as seguintes palavras:

"Senhor Presidente e Excelentíssima Senhora Geisel.

Tanto o indivíduo como a nação encontram-se a si próprios no contato com os demais. Suas palavras gentis de ontem à noite, Senhor Presiden-

te, nos deram a oportunidade de nos encontrarmos a nós próprios nos olhos de um povo amigo.

Estou consciente de que sua interpretação generosa da amizade teuto-brasileira exclui as sombras que nas duas guerras mundiais caíram sobre as nossas relações. É verdade, porém, que não é possível tornar evidente toda a multiplicidade das dependências e enriquecimentos mútuos. A Alemanha, por exemplo, não fosse pela imaginação fértil da brasileira Julia da Silva Bruhns, mãe de Thomas Mann, teria um grande escritor a menos.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, lamentou ontem que em nossa opinião pública, apesar das possibilidades oferecidas pela comunicação moderna, faltasse o reconhecimento dos esforços brasileiros pela justiça e pela democracia. Cumpra lembrar que os alemães simpatizam muito com a América Latina e, especialmente, o Brasil. A população aqui acompanha com interesse o que se passa lá. Precisamente é o ritmo febril da comunicação moderna que provoca, freqüentemente, julgamentos precipitados e imponderados. Nos tempos de Humboldt e Martius viajava-se e se julgava mais vagorosamente.

Estamos impressionados pelas realizações enormes do desenvolvimento brasileiro. Vossa Excelência encontrará de nossa parte, portanto, também compreensão para o fato de que não se pode solucionar, no mesmo ritmo, todos os problemas sociais e econômicos.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, veio acompanhado de uma delegação numerosa que nesses dias trabalhou e ainda trabalhará intensamente. Realizaram-se conversações em todos os níveis, estatais e privados. Fizemos um balanço. Quê foi alcançado, quê pode ser melhorado, quais os problemas a serem solucionados ainda? E isso foi necessário.

Enfrentamos um novo surto do nosso intercâmbio comercial. As conversações que Vossa Excelência, Senhor Presidente, manteve comigo mostraram-me que as nossas possibilidades de consulta e cooperação política crescem na mesma medida. Sua visita constitui para nós um encorajamento no sentido de lançar-nos à solução das tarefas que conjuntamente identificamos.

Senhor Presidente, Excelentíssima Senhora Geisel, agradeço a Vossa Excelência, em nome de minha mulher e dos meus compatriotas, a sua hospitalidade. Ergo minha taça para brindar a nossa cooperação nos tempos bons e nos duros."

Às 23h30m o Presidente Geisel estava de volta ao Castelo de Gymnich para o pernoite.



**Jantar oferecido
pelo Presidente
Geisel e senhora
ao Presidente
Walter Scheel
no Hotel Bristol.**

O Presidente Geisel com os Líderes da Oposição Alemã

No dia 8, às 8h15m, o Presidente Ernesto Geisel recebeu o presidente da União Democrática Cristã (CDU), Helmut Kohl, no Castelo de Gymnich.

Ao retirar-se do encontro, do qual participou o Ministro das Relações Exteriores, Azeredo da Silveira, o presidente democrata-cristão afirmou que, na conversa com o Presidente do Brasil, foram abordados vários assuntos, entre eles a situação política internacional e o acordo nuclear Brasil-Alema-nha.

Eram 9h20m, quando o Presidente Geisel iniciou a audiência com o presidente da União Social Cristã (CSU), Franz-Josef Strauss, que ao sair da reunião disse que as conversações se haviam referido às relações teuto-brasileiras e à cooperação técnico-científica, e que ambos tinham externado pontos de vista coincidentes.

Os dois encontros com os líderes da oposição na República Federal da Alemanha demoraram, cada um, cerca de 60 minutos.

Almoço com o Governador de Baden-Württemberg

Acompanhado dos Ministros Azeredo da Silveira e Shigeaki Ueki, o Presidente Geisel embarcou, às 10h20m, no helicóptero que o levou a Hei-delberg, onde, às 12 horas, foi homenageado com um almoço pelo gover-nador do Estado de Baden-Württemberg, Hans Filbinger.

Ao chegar ao Castelo de Schwetzingen, o Presidente do Brasil foi sau-dado pelo governador Hans Filbinger com as seguintes palavras:

“Senhor Presidente, minhas Senhoras, meus Senhores.

Tenho grande prazer em dar as boas vindas a Vossa Excelência e aos Senhores da sua comitiva.

Sejam bem-vindos em nome do Governo e do Parlamento Estadual de Baden-Württemberg, cuja população acompanha sua visita à Alemanha com atenciosa e respeitosa simpatia; seja bem-vindo, Senhor Presidente, a uma pequena cidade do nosso Estado, cujo castelo há 200 anos faz parte do patrimônio nacional, em sua qualidade de centro cultural europeu: Mo-zart, Schiller, Holderlin e Eichendorff gostaram de Schwetzingen e permane-ceram com predileção nesse castelo e no seu parque.

Já era esse o desejo de Voltaire: “... quero rever Schwetzingen, essa idéia domina toda a minha alma.”

Seja bem-vindo, Senhor Presidente, ao castelo de Schwetzingen, que é ligado à antiga pátria do seu pai através da Bergstrasse, há menos de 100 quilômetros afastado de Kronberg no Taunus.

Seja bem-vindo em uma época na qual a política prudente e determinada do seu Governo iniciou uma nova fase da História brasileira.

Vossa Excelência está empenhado em sincronizar o crescimento admirável da economia brasileira com o desenvolvimento no setor social.

Vossa Excelência soube oferecer, a amplos círculos da população, participação no bem-estar e oferecer aos cidadãos possibilidades de desenvolvimento.

No Brasil, a idéia da liberdade tem tradição. Onde quer que, no mundo, um país envide esforços no sentido de atingir uma paz interna e um equilíbrio social, um quê de segurança será ganho pela República Federal da Alemanha; onde essa luta é perdida, também perdemos nós. Por isso, Senhor Presidente, o êxito da sua obra também para nós é de maior valor, porque para nós o Brasil, ainda mais do que agora, desempenhará um papel chave. Para a República Federal da Alemanha e para a Europa, as bases e os mercados de matérias-primas são de importância vital. O Brasil é um dos mais importantes arsenais de matérias-primas do mundo. Nós não temos matérias-primas suficientemente importantes para mencioná-las, mas muito *know-how* e conhecimento técnico em Baden-Württemberg que é o Estado com a indústria e a exportação mais intensivas na República Federal da Alemanha.

Mas mais importante para nós do que todos os problemas relativos a matérias-primas é a parceria econômica com a República Federativa do Brasil. Com muito prazer e engajamento, o Estado Federal de Baden-Württemberg fará a sua contribuição no âmbito de tal parceria intensificada do "oferecer" e do "receber".

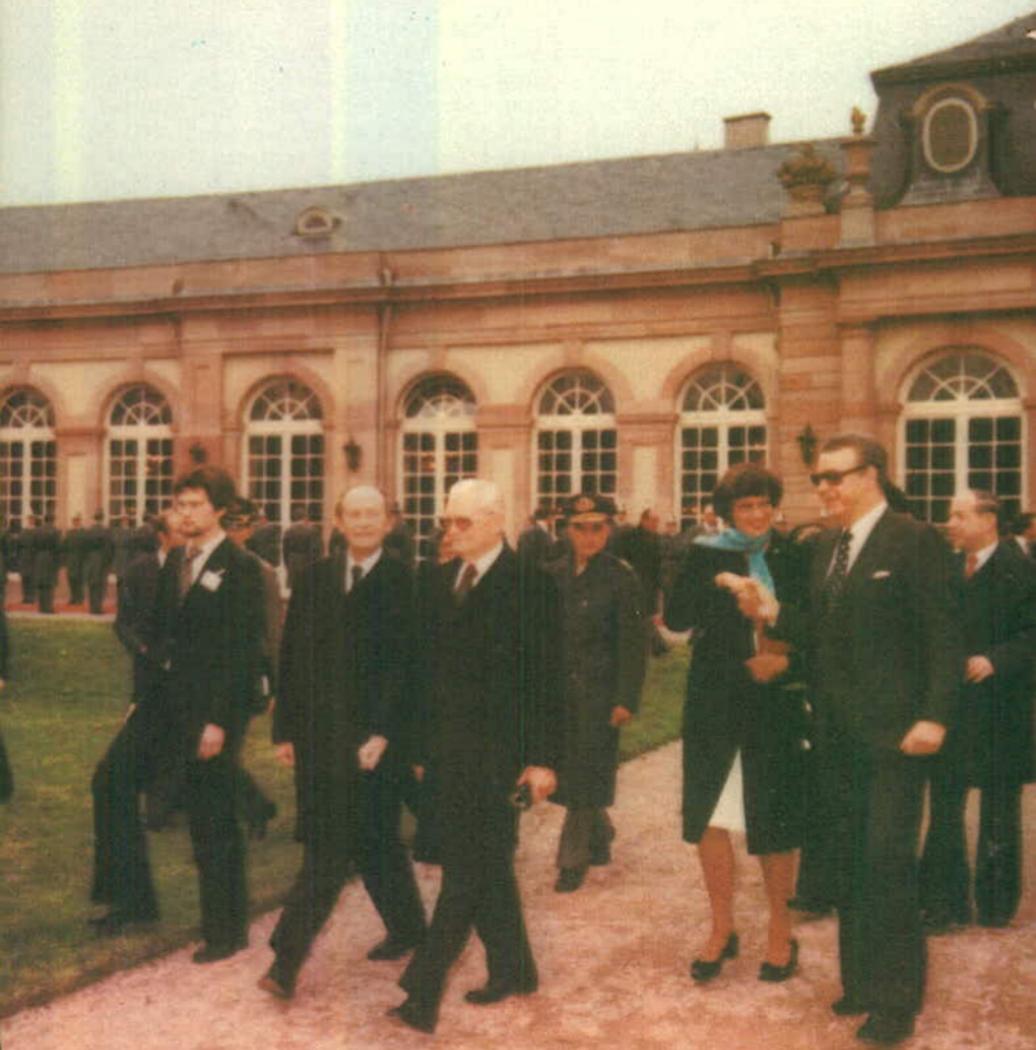
Estamos bem preparados para isso: nos últimos 5 anos, o Instituto para Relações Exteriores em Stuttgart realizou 17 seminários sobre o Brasil, tendo assim preparado cerca de 1.000 pessoas — técnicos e gerentes da indústria e do comércio (sobretudo de Baden-Württemberg) — para o Brasil.

Reuniram-se hoje aqui os representantes da economia e da política desse Estado para prestar homenagem a Vossa Excelência, Senhor Presidente.

Na sua pessoa saudamos o mais alto representante do país com a maior extensão territorial e a maior população da América Latina que — no âmbito de um subcontinente em vias de mudança — está cada vez mais no centro do interesse mundial. O desenvolvimento político e econômico do Brasil também decidirá sobre o destino do mundo transatlântico e de todo o mundo ocidental.

Senhor Presidente. A Europa e a América Latina percorreram juntos um trecho da sua história. Multidão é o número dos vínculos e das coisas em comum, particularmente entre o Brasil e a Alemanha; grande é o número de brasileiros de ascendência alemã que prestaram a sua contribuição como bons cidadãos na sua nova pátria: no desenvolvimento da economia, no exército, na política, ciência e técnica; contribuíram para a cultura e a civilização do seu grande país.

Constitui coincidência importante e simbólica quando o Brasil e a Alemanha, em 1974, celebraram o 150.º aniversário da chegada dos primeiros colonos alemães e quando, no mesmo ano, pela primeira vez na história brasileira, o filho de um imigrante alemão, o General Ernesto Geisel, tomou em suas mãos o destino do quinto maior país do mundo. Também por isso, Vossa Excelência, as nossas boas-vindas são particularmente calorosas. Agradeço-lhe sinceramente por Vossa Excelência ter dado a Baden-Württemberg a honra de sua visita.



O Presidente Geisel com o Governador de Baden-Württemberg, Hans Filbinger.

Mais uma vez, obrigado: "Cordialmente benvindo em Baden-Württemberg."

A essa saudação, assim respondeu o Presidente Ernesto Geisel:

"Excelentíssimo Senhor Hans Filbinger, Ministro Presidente da Baden-Württemberg.

As palavras com que Vossa Excelência acaba de me saudar são muito importantes para nós, brasileiros, pelo que significam de amizade para com o nosso país. Foi com especial satisfação que acolhi o convite para vir a Baden-Württemberg, pois, desde logo, entrevi, nesta visita, excelente oportunidade para reafirmarmos nosso entendimento e cooperação.

Baden-Württemberg, por suas tradições e desenvolvimento material, bem pode ser considerado uma síntese da moderna República Federal da Alemanha. Lado a lado com a mais avançada tecnologia, representada, de forma exemplar, pelas pesquisas nucleares pioneiras que se realizam em Karlsruhe, encontram-se vivos os valores clássicos, associados eternamente os nomes das Universidades de Heidelberg, de Freiburg e de Tubingem. O progresso, Senhor Ministro-Presidente, foi conquistado, nesta terra, em evidente harmonia com a natureza, com a história e com as mais altas expressões do pensamento. Esta constatação, a nós brasileiros, emocionou-nos profundamente, porque é esta a forma de desenvolvimento que estamos empenhados em construir em nosso país.

Temos recebido, com grande interesse, a contribuição da gente de Baden-Württemberg aos esforços de desenvolvimento que realizamos no Brasil. É nosso desejo que a cooperação já estabelecida tenha prosseguimento e se intensifique, de modo a que possamos dela retirar resultados cada vez mais produtivos.

Ao saudar, na pessoa de Vossa Excelência, o Governo e o povo de Baden-Württemberg, desejo, igualmente, significar nossos agradecimentos pela acolhida cordial que eu e minha comitiva estamos recebendo.

Muito obrigado".

Ao terminar o almoço, o Governador de Baden-Württemberg, Hans Filbinger, ergueu um brinde aos presentes, e pronunciou as seguintes palavras:

"Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores.

'A boca fala do que o coração está cheio'. Permitam-me por isso dar-lhes as boas vindas, que são a expressão de minha alegria, da alegria de nós todos com a visita de Vossa Excelência a Baden-Württemberg.

Desejo agradecer devidamente a Vossa Excelência por esta sua visita, como também lhe expresse meu agradecimento cordial pelo convite para visitar seu grande país. Já no início deste século foi publicado, por uma editora de Stuttgart, o livro 'Brasil — País do Futuro'. Esse fato constitui, hoje ainda mais — especialmente tendo em consideração a gigantesca obra de desenvolvimento, Senhor Presidente — objeto dos nossos pensamentos e das nossas ponderações.

No entanto, à parte de todas as cogitações de utilidade, desponta uma nota pessoal em nossa expectativa quanto à viagem ao Brasil: é a alegria de conhecer a gente brasileira, proverbialmente simpática e gentil, cujo mais alto representante temos a honra de ter hoje entre nós. Um sábio disse-me certa vez: 'Uma das grandes contribuições do Brasil para a cultura mundial é a cordialidade.'. Neste sentido gostaria de agradecer-lhe, mais uma vez, convidando meus prezados hóspedes a erguer comigo as taças para brindar à saúde de Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil, Senhor General Ernesto Geisel, às relações teuto-brasileiras, amistosas e proveitosas, e ao futuro de seu grande país.

Para a sua política de moderação e de equilíbrio desejamos, Senhor Presidente, também muito êxito no futuro.

Viva o Brasil! Brindo à sua saúde!"

O Presidente Geisel, respondendo ao brinde protocolar, assim falou: "Excelentíssimo Senhor Ministro-Presidente.

Nos próximos dias, Vossa Excelência estará viajando ao Brasil, para conhecer um pouco mais de nossa terra e de nosso povo e para trazer, a seus compatriotas, o testemunho da dimensão humana e material do esforço brasileiro de construção nacional. Baden-Württemberg tem dado importantes contribuições a esse esforço e a viagem de Vossa Excelência, estou certo, estará destinada a estender e aprofundar mais ainda essa cooperação.

Senhor Ministro-Presidente,

É com grande alegria que elevo este brinde a Baden-Württemberg, à saúde e felicidade pessoais da Senhora Filbinger e de Vossa Excelência, e ao pleno êxito de sua próxima visita ao Brasil."

Visitas aos Centros de Pesquisas Nucleares

De Baden-Württemberg o Presidente Geisel seguiu, de helicóptero, para uma visita aos centros de pesquisas nucleares de Karlsruhe e Julich, onde, em ambos, presenciou a assinatura de novos acordos. Os documentos envolvem a área de segurança dos reatores, desenvolvimento e pesquisa. Três foram assinados em Julich e um em Karlsruhe. (O convênio da STI com a KFA está no fim deste volume).

Na visita às instalações nucleares de Karlsruhe, na cidade de Heilberg, o Presidente Geisel visitou um reator nuclear. Nesse centro nuclear operam 3.500 técnicos, e lá estagiam alguns físicos brasileiros.

No centro de pesquisa nuclear de Julich, na cidade de Dusseldorf, o Presidente do Brasil entrou no salão onde funcionam dois reatores, e ouviu as explicações do Professor Berckurts que, utilizando-se de gráficos, mostrou a demanda térmica da República Federal da Alemanha. Em seguida, o Presidente Geisel percorreu de carro, as instalações de Julich.

Eram 18h05m quando o Presidente Ernesto Geisel desembarcava do helicóptero, em Dusseldorf, para participar do jantar que lhe era oferecido pelo Governador da Renânia do Norte-Vestfália, Heinz Kuhn e senhora.

Na ocasião, foi saudado pelo governador Kuhn com o seguinte discurso de improviso:

"Senhor Presidente, Excelentíssima Senhora, prezados amigos, prezados hóspedes.

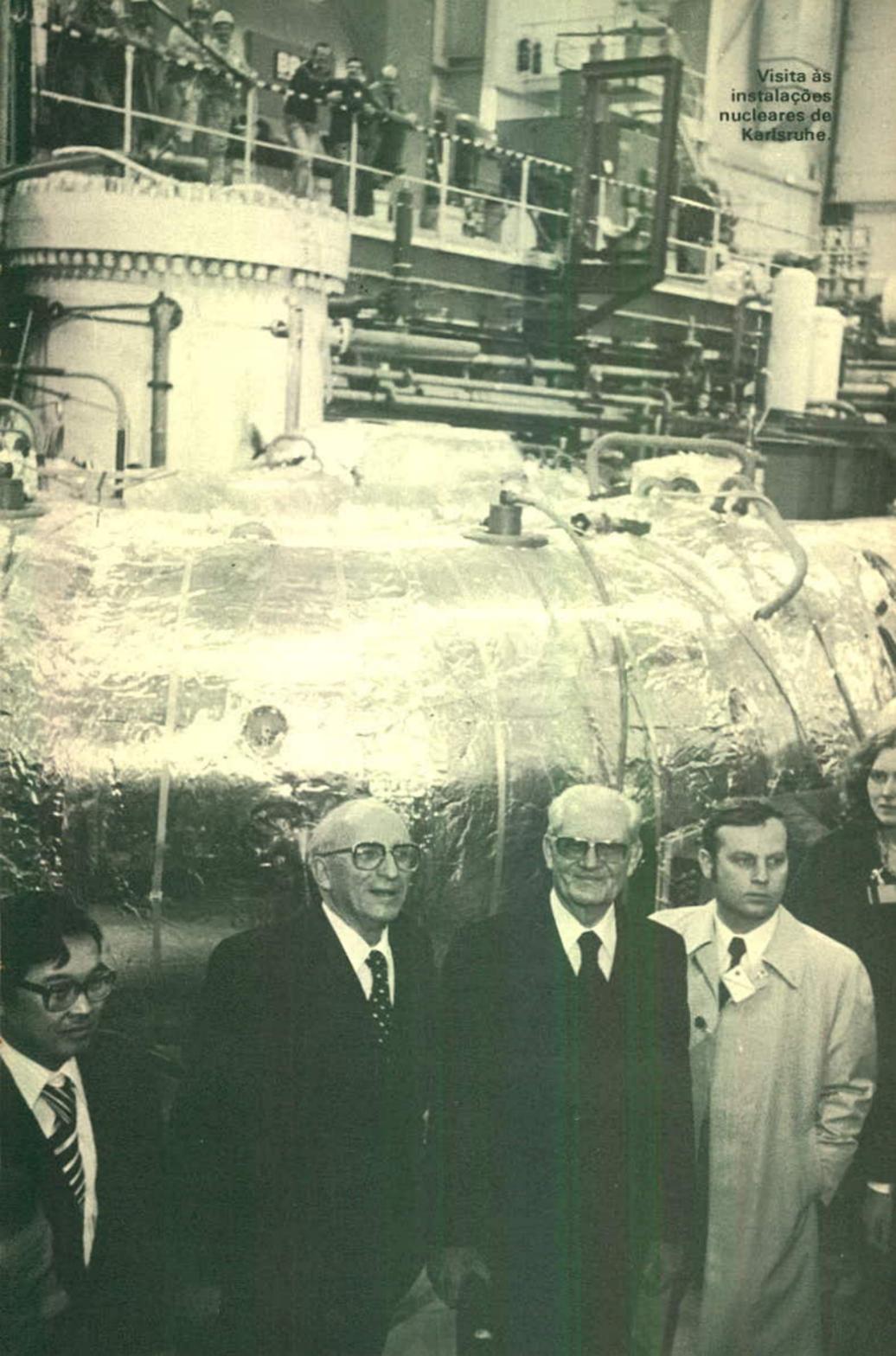
Os dias de ontem e anteontem foram, Senhor Presidente, dias de conversas diplomáticas e políticas. O dia de hoje foi um dia de viagens cansativas. Cada minuto era planejado. Por isso não pretendo cansá-lo com um longo discurso; nem pretendo encorajar Vossa Excelência a proferir um longo discurso. Só quero dizer umas poucas palavras.

Desejo que Vossa Excelência se sinta em casa, entre amigos.

Certamente foi concluída ontem, em Bonn, a parte oficial da viagem. Vossa Excelência discutiu os grandes problemas do nosso tempo com os líderes dos partidos políticos. E agora veio visitar esta modesta província.

Não pretendo dizer muito a respeito do nosso Estado, porque nos conhecemos bem. É o maior Estado federado da Alemanha e, com 17 milhões de habitantes, também o de maior população. Além disso, também é o Estado federado com maior indústria. Aqui a indústria alemã teve seu começo,

Visita às
instalações
nucleares de
Karlsruhe.



na base de carvão e aço. Há 30 anos, depois de 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial, essa região foi a mais destruída da Europa. Um campo de ruínas. As fábricas já não eram locais de produção, mas simplesmente um emaranhado de aço e ferro. Nessa época, só poucas pessoas acreditaram que dessas ruínas se pudesse construir um país viável, altamente industrializado, moderno e eficiente. Orgulhamo-nos de que a disciplina, a força de trabalho e a responsabilidade política dos trabalhadores do nosso Estado e a imaginação e a iniciativa dos nossos empresários que, na base da parceria — em discussões freqüentemente duras — sempre obtiveram resultados satisfatórios para ambos os lados, tenham tornado possível tudo isso. Nessa base, foi criada uma das paisagens industriais mais modernas na Europa. Uma paisagem linda. Infelizmente, já era demasiado escuro para que Vossa Excelência pudesse, durante o vôo, ver bem a cidade de Duisburg, o maior porto fluvial da Europa, onde são diariamente descarregados 600 navios. Aí também chegam os minérios brasileiros que são transformados nas usinas siderúrgicas da região do Ruhr. Se tivéssemos tido tempo, poderíamos ter sobrevoado essa maravilhosa paisagem industrial, que de maneira nenhuma é sombria, mas verde e linda.

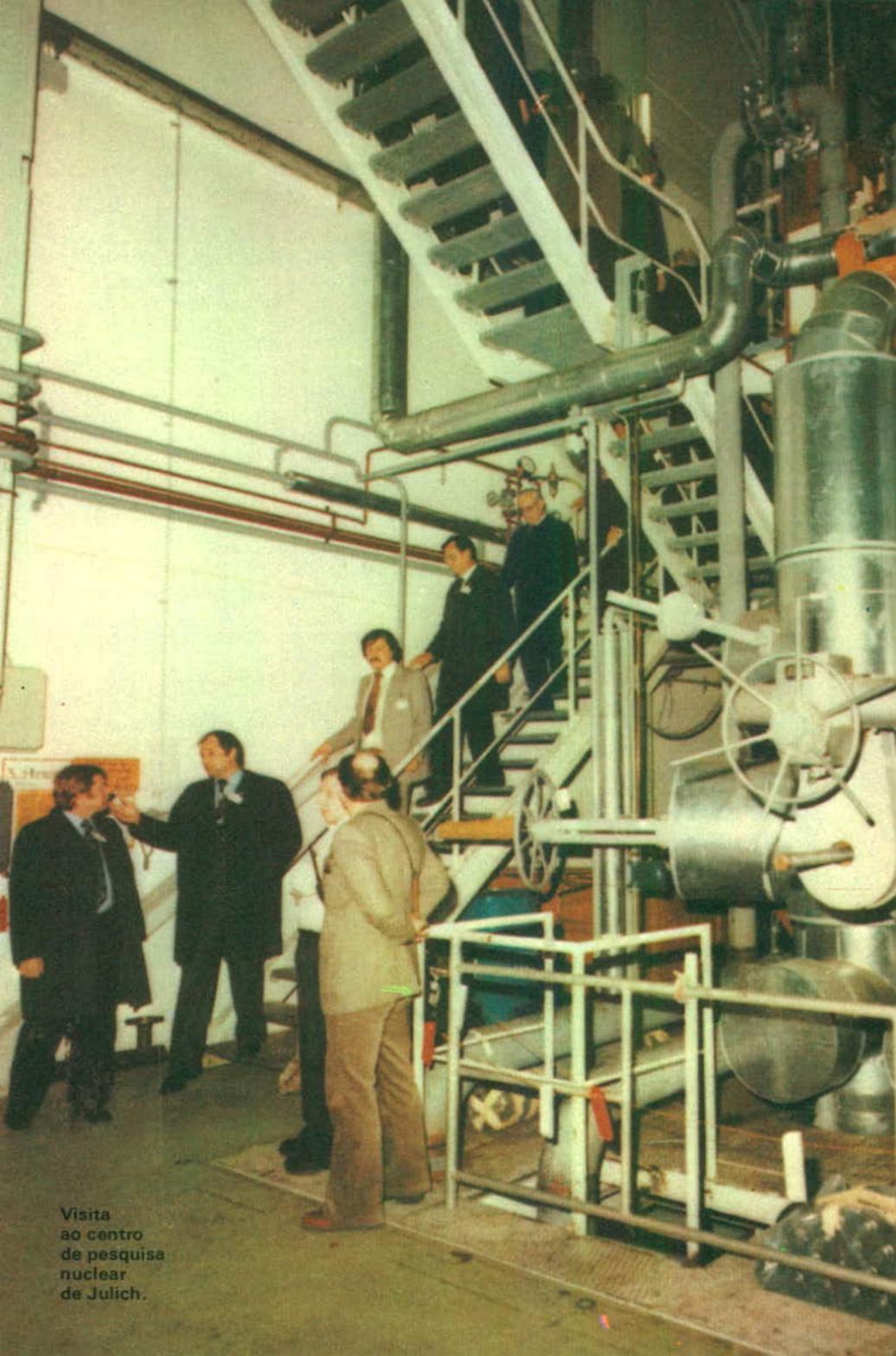
Não desejo falar apenas com entusiasmo do nosso país. Também temos problemas. Em um mundo no qual o carvão e o aço têm que defender suas posições, uma paisagem industrial baseada em carvão e aço tem — como toda a indústria da República Federal da Alemanha — os seus problemas, devido à recessão. Mas orgulhamo-nos de que tenhamos podido resolver nossos problemas de uma maneira melhor do que outras paisagens industriais do mundo.

Conhecemos o seu país, Senhor Presidente.

Acabei de explicar há pouco que aqui estamos em família. Mas alguém disse uma vez: se colocarmos um microfone em frente a um político, ele certamente proferirá um discurso. Lembro-me da minha primeira visita ao Brasil. Estava convidado pelo Conselho Municipal de Blumenau. O discurso que proferi em alemão foi traduzido para o português por um padre franciscano. O prefeito, que naturalmente também tinha um nome alemão, respondeu em português, o que também foi traduzido para o alemão. Nessa época — tão cedo na história da República Federal — ainda não se conhecia o hino nacional. Assim, a guarda de honra tocou a marcha "Velhos Camaradas". Foi uma linda visita.

Também fui a Belo Horizonte, onde nosso vizinho industrial, a Mannesmann, possui grandes instalações industriais. A indústria da Renânia do Norte-Vestfália investiu mais de meio bilhão de marcos alemães no Brasil. Também me lembro muito bem da minha visita à Volkswagen. Creio saber e creio poder adivinhar que grande futuro espera o Brasil com todas as suas riquezas escondidas no subsolo. Um país rico — e como o Senhor Presidente me disse no helicóptero — não só em matérias-primas, mas também em pessoas. Quando cada caboclo for um operário industrial qualificado, o Brasil será a primeira nação da América Latina. Desejamos que os nossos povos — unidos por laços de amizade — trabalhem em comum para o futuro e bem-estar dos homens pelos quais somos responsáveis.

O Brasil já não é país em desenvolvimento, mas está no limiar da industrialização e, nessa posição, cabem-lhe tarefas especiais. Nós queremos ajudar os Senhores e os Senhores devem ajudar-nos. Na nossa troca de idéias concordamos em que a maior ajuda no mundo é a ajuda baseada na reciprocidade. Não se ajuda apenas a um outro, mas se ajuda a si próprio para se poder ajudar ao outro.



Visita
ao centro
de pesquisa
nuclear
de Julich.

Afinal, acabei falando de coisas sérias.

Agora penso no presente que Vossa Excelência me ofereceu. Eu pensei o que poderia oferecer ao Presidente de um país tão grande. Aqui tenho um dos mais antigos mapas coloridos do Brasil, do século XVI. Alegro-me se Vossa Excelência encontrasse um pequeno lugar para ele em um de seus escritórios ou na sua casa. Além disso, fui informado de que a Excelentíssima Senhora Geisel gosta de porcelana e de música. Há pouco conversamos sobre o Vice-Primeiro-Ministro, de quem disse que seria tão sensível como Mozart. A Excelentíssima Senhora me respondeu que esperava que ele tivesse uma vida mais longa de que a do nosso grande compositor. Aceite essa porcelana com textos e motivos da "Flauta Mágica" como lembrança da sua visita.

Aliás, o produtor dessa porcelana é um dos poucos capitalistas social-democratas. O Senhor Rosenthal é um célebre fabricante de porcelana, mas também um excelente deputado, que pode permitir cometer um erro. Aconteceu durante uma votação dramática no Parlamento quando, em vez de colocar a sua cédula de votação na urna, colocou a de seu vizinho, tornando nulo, assim, seu próprio voto. Em consequência disso, fiz a proposta de que se deveriam produzir cédulas de porcelana, para que não cometesse esse erro de novo.

Ergo a minha taça para brindar à amizade entre os nossos dois povos, a uma boa cooperação também no futuro, em benefício de ambos os países, e ao bem-estar pessoal do Presidente da República, de sua esposa e de sua filha."

O Presidente Geisel agradeceu a saudação com as seguintes palavras: "Excelentíssimo Senhor Ministro-Presidente.

Desejo manifestar meu reconhecimento pelos votos que Vossa Excelência acaba de enunciar.

A acolhida calorosa que nos foi dada, aqui na Renânia do Norte-Vestfália, ficará em nossa memória, como um dos momentos altos desta visita à República Federal.

Visitar Dusseldorf é conhecer uma cidade que sempre teve relevo pela arte e pela cultura.

Berço do grande Heinrich Heine, Dusseldorf revelou também, há mais de um século, sua vocação industrial.

Os nomes dos grandes empreendimentos siderúrgicos e metalúrgicos da Renânia do Norte-Vestfália são mundialmente conhecidos e respeitados, como os testemunhos da imaginação e da capacidade de trabalho deste povo.

Ao formular votos pela prosperidade da República do Norte-Vestfália e ao evocar a contribuição de sua gente ao desenvolvimento de meu País, convido os presentes a levantarem suas taças pela amizade entre o Brasil e a República Federal da Alemanha e pela felicidade pessoal do Ministro-Presidente e da Senhora Kuhn."

Às 21h30m aproximadamente, o Presidente Geisel chegava de volta ao Castelo de Gynnich, após seu quarto dia de visita à República Federal da Alemanha.

A Visita a Berlim Ocidental

O Presidente Ernesto Geisel embarcou, às 10 horas, no aeroporto de Colônia Bonn, em avião especial com destino a Berlim.

Às 11 horas, o avião pousava no aeroporto de Berlim Ocidental, cujo prefeito, Dietrich Stobber, assim que as autoridades brasileiras desembarcaram, saudou o Presidente Geisel com as seguintes palavras:

"Senhor Presidente. Muito prezada Senhora Geisel.

Tenho muito prazer em dar as boas-vindas a Vossas Excelências e a sua comitiva na maior cidade da Alemanha.

Sua visita à República Federal da Alemanha é sinal da cooperação baseada na confiança entre nossos países e dos laços de amizade entre nossos povos. Estou certo de que, também no futuro, poderemos intensificar ainda mais nossa amizade e nossa cooperação e considero sua visita como mais um passo dado nessa direção.

Vossas Excelências só permanecerão poucas horas aqui. Não obstante, espero que nesse período possam obter a impressão de estar em uma cidade aberta para a disputa intelectual, eficiente na sua estrutura econômica e cheia de irradiação na sua oferta cultural.

Minhas calorosas boas-vindas".

A essa saudação o Presidente Geisel respondeu com as seguintes palavras:

"Muito agradeço, Senhor Prefeito, as palavras de acolhida que Vossa Excelência acaba de pronunciar.

É com grande prazer que visito Berlim, cidade que é uma das mais importantes encruzilhadas da Europa e do mundo, e que sempre esteve ligada à América Latina e ao Brasil.

Espero que minha visita contribua para mostrar, uma vez mais, o apreço que o povo brasileiro dedica ao povo alemão e a tudo que a cidade de Berlim simboliza."

Do aeroporto o Presidente Geisel e sua comitiva foram conduzidos para uma rápida visita pela cidade. Na ocasião, o Presidente viu o famoso muro que separa Berlim Ocidental da República Democrática Alemã. O carro que levava o presidente do Brasil ficou a 200 metros do muro, e nenhum dos visitantes desceu dos seus veículos.

O passeio pelos principais pontos de Berlim Ocidental durou cerca de 40 minutos.

A Assinatura do Livro de Ouro

Às 12 horas, a comitiva chegava ao Palácio de Charlottenburg, onde o Presidente Geisel manteve encontro reservado de 20 minutos com o prefeito Dietrich Stobbe, que ao sair do seu gabinete com o chefe da nação brasileira dirigiu-se ao salão contíguo, onde já se encontravam autoridades brasileiras e berlinenses, onde seria assinado o "Livro de Ouro".

Antecedendo a assinatura do "Livro de Ouro", o prefeito Dietrich Stobb pronunciou o seguinte discurso:

"A visita de Vossa Excelência a Berlim, Senhor Presidente, é apenas de curta duração. É para nós motivo de grande satisfação que Vossa Excelência tenha decidido visitar esta cidade que, como nenhuma outra, ilustra o destino do nosso país, do qual provêm também os seus pais e muitos dos seus compatriotas brasileiros. Dou as cordiais boas-vindas a Vossa Excelência, Senhor Presidente, cumprimento sua esposa e me permito desejar também a todos os membros da sua comitiva uma estada agradável em nossa cidade.

O Senhor Presidente Federal assinalou na segunda-feira à noite, em Bonn, as múltiplas e estreitas relações que existem entre os nossos países e povos. Tenho o prazer de poder afirmar que também nós berlinenses prestamos nossa contribuição para o bom desenvolvimento dessas relações. Quero lembrar o intenso intercâmbio econômico entre o Brasil e Berlim. Muitos nomes de grandes firmas relacionadas com Berlim gozam também de renome no Brasil. Menciono a Siemens ou AEG-Telefunken, mas gostaria também de salientar a contribuição de empresas especializadas de porte médio. Por outro lado, o Brasil mantém bons contatos com Berlim. Seu país esteve e continua a estar representado em inúmeras feiras e exposições. Assim, por exemplo, inaugurei, nesse fim de semana, junto com o Presidente da Empresa Brasileira de Turismo, Senhor Farhat, a Bolsa Internacional de Turismo que atualmente se realiza nesta cidade.

O Brasil se nos apresenta como país imensamente grande, cheio de oportunidades e de potencialidades. Vemos um país em marcha. Considero a ampliação das relações econômicas, comerciais, de turismo e de cooperação técnica uma oportunidade de fazer com que nossa cooperação, baseada na confiança, se torne uma força estabilizadora entre o Norte e o Sul. Sua visita ao nosso país e também à nossa cidade, Senhor Presidente, constituirá — assim o espero — um passo bem sucedido nesse caminho.

Nós berlinenses orgulhamo-nos das relações tradicionais com o continente sul-americano. Penso, naturalmente, no primeiro dessas relações, Alexander Von Humboldt, e menciono também o Instituto Ibero-Americano em Berlim, único do seu gênero na Europa. Seu rico acervo é utilizado, em média considerável, também por pesquisadores sul-americanos, fato esse que mostra, de maneira especial, o nível do referido Instituto.

Durante sua estada, Vossa Excelência pôde ter apenas uma breve impressão de nossa cidade, que nos tempos do após-guerra teve de enfrentar graves provas. Essas provas foram vencidas. As garantias de nossas potências protetoras — Estados Unidos, França e Grã-Bretanha —, nossa estreita ligação com a República Federal da Alemanha e a firmeza dos berlinenses para isso contribuíram.

A política do equilíbrio parcial dos interesses tornou possível resolver para a cidade de Berlim, dividida, o que poderia ser resolvido sob as condições históricas existentes. Assim, a paz foi melhor assegurada e ninguém sabe apreciar isso melhor do que os berlinenses. O Acordo Quadripartite sobre Berlim ofereceu à nossa cidade novas oportunidades e nós as estamos aproveitando. A solidariedade internacional, que pudemos experimentar em anos difíceis de após-guerra, ensinou aos berlinenses a não esquecerem, por sua parte, que no mundo inteiro há problemas que somente podem ser vencidos solidariamente. É importante saber que Berlim não desempenha apenas um papel no conflito Leste-Oeste. Berlim presta também sua contribuição no diálogo Norte-Sul.

O Presidente Geisel
é recebido pelo
Prefeito Dietrich Stobber
por ocasião de sua visita
à Berlim Ocidental.



Na Declaração de Governo após a sua posse, Vossa Excelência, Senhor Presidente, manifestou-se a favor de um "aperfeiçoamento lento, mas seguro, da democracia" no seu país. Esse é, creio, apesar de toda a diversidade da situação inicial de que se parte, um dever com o qual todos os que têm responsabilidade política se vêem confrontados. Formulo o desejo de que esse princípio se imponha no mundo inteiro. A seu país e ao seu povo desejo um bom futuro. À participação decisiva que Vossa Excelência, Senhor Presidente, certamente terá nesse futuro, desejo muito êxito.

Rogo a Vossa Excelência conceder-nos a honra de assinar o Livro de Ouro da Cidade de Berlim".

Depois de assinar o Livro de Ouro da Cidade de Berlim o Presidente Ernesto Geisel assim falou:

"Excelentíssimo Senhor Prefeito.

Estes meus momentos na cidade de Berlim, embora breves, deixaram marcados em minha memória imagens de uma força histórica certamente inesquecível. A ninguém podem soar indiferentes os símbolos que sempre reconhecemos como patrimônio da civilização: o Castelo Bellevue, a Igreja do Kaiser Guilherme, o Reichstag, e esta obra-prima da arte barroca alemã, o Palácio de Charlottenburg.

Esses nomes antigos, venho encontrá-los a salvo do tempo, testemunho presente de que a história de um povo é trabalho diário, cotidiano, de construção e de reconstrução. Não sei o que mais admirar, se a cultura que produziu exemplos tão notáveis de arte, ou se a energia que os foi resgatar à história.

São antigos e fortes os vínculos entre o Brasil e esta valorosa cidade. Espero que minha visita proporcione oportunidade para darmos novo impulso a nosso intercâmbio em variadas áreas, inclusive a comercial.

Senhor Prefeito,

No Livro de Ouro desta cidade, encontram-se as assinaturas de homens de Estado e de personalidades das mais diversas nações do Ocidente. Nenhum deles, estou seguro, veio aqui para cumprir um simples ato protocolar de visitantes. Vieram, sim, trazer a Berlim a admiração de seus povos e de seus Governos, expressando seu apoio à causa da liberdade. Confesso-lhe minha emoção ao deixar aqui registrada a presença brasileira e também nosso tributo a tudo que simboliza a cidade de Berlim".

Em seguida o Chefe da Nação brasileira participou do almoço que o prefeito Dietrich Stobbe lhe oferecia, que foi precedido por uma troca de presentes. O Presidente Geisel deu ao prefeito Stobbe uma miniatura em ouro da estátua dos "Dois Candangos", que se encontra em Brasília, obra do escultor Bruno Giorgi, e recebeu um jogo de porcelana.

Eram 14h40m quando o Presidente Geisel embarcava de novo no avião especial que o levou de volta ao aeroporto de Bonn/Colônia e às 15h15m ele já se encontrava no Castelo de Gymnich para repousar.

Recepção à Colônia Brasileira

À noite, por volta das 20 horas, o Presidente Ernesto Geisel e sua esposa Dona Lucy seguiram para o Castelo de Guersnich, no centro de Colônia, onde o Embaixador do Brasil na República Federal da Alemanha, Jorge de Carvalho e Silva, e senhora ofereciam uma recepção para dois mil brasileiros radicados na República Federal da Alemanha.

As 22 horas, o Presidente Geisel e esposa retornavam ao Castelo de Gymnich. Encerrava-se o penúltimo dia da visita.



Recepção à colônia
brasileira radicada
na República Federal
da Alemanha.

O Último Dia da Viagem com Entrevista à Imprensa

O Presidente Ernesto Geisel começou seu último dia da viagem à República Federal da Alemanha, por volta das 9 horas, com uma entrevista à imprensa na sala de conferências do Centro Tupenfeld, onde respondeu a perguntas de 2 jornalistas alemães, 2 holandeses, 1 português, 1 espanhol, 1 tunisiano e 7 brasileiros.

Assim o Presidente do Brasil iniciou a entrevista: "Desejo inicialmente transmitir a todos o meu bom dia e dizer-lhes que estou à disposição dos senhores jornalistas para responder, dentro de minhas possibilidades, perguntas que me fizerem no tocante às nossas relações entre o Brasil e a República Federal da Alemanha.

"Acredito que esta entrevista poderá ser altamente proveitosa para o desenvolvimento dessas relações, já que, honesta e verdadeiramente, diremos como é que convivemos e que resultado a minha visita, no meu ponto de ver, alcançou.

"Estou inteiramente à disposição dos senhores.

P — Como o Senhor poderia analisar os resultados da sua viagem à Alemanha?

R — Como é do conhecimento dos senhores, a minha visita à República Federal da Alemanha é uma decorrência do convite que me foi feito pelo Excelentíssimo Senhor Presidente Scheel. Este convite tem a sua justificativa no estágio que atingiram as relações de toda ordem entre os nossos dois países. Essas relações são de natureza industrial, econômica, cultural, humana e política.

Como os senhores sabem, no Brasil existe um contingente muito grande de descendentes de alemães, que começaram a imigrar e viver em nosso país, desde 150 anos passados. Este contingente se radica principalmente nas áreas do Sul do País, mas progressivamente se estendem a São Paulo, Minas Gerais, Bahia e outros setores do Brasil e aí realizaram-se também grandes investimentos alemães. Existem muitas indústrias de origem alemã, como existem atividades de empresas alemãs, inclusive na agricultura e na pecuária.

A par desse relacionamento de natureza econômica e humana, houve também um grande intercâmbio cultural. O número de brasileiros que hoje em dia vivem na Alemanha e atuam em diferentes setores culturais, inclusive nas universidades, é bastante grande. E por fim, em 1975, entre os dois países subscreveu-se o acordo de cooperação tecnológica no campo nuclear.

Dado o alto grau de desenvolvimento que essas relações atingiram, se realiza agora esta minha visita à Alemanha Federal. Tive conversações com o Excelentíssimo Senhor Presidente Scheel, com o Chefe do Governo Schmidt, tive conversações oficiais com os quatro dirigentes dos grandes

partidos da Alemanha, com o Senhor Genscher, o Senhor Kohl, o Senhor Willy Brandt, e o Senhor Strauss, conversações todas elas voltadas para um exame do quadro mundial, da posição do Brasil e da Alemanha nesse quadro, e principalmente voltadas para as nossas relações recíprocas. Tive também, participação num evento que reputo de extraordinária importância. Foi o encontro entre empresários alemães e brasileiros, que se realizou em Colônia na terça-feira e na quarta-feira desta semana. Segundo as informações que tenho, os resultados desse encontro foram altamente proveitosos no sentido de uma melhor compreensão de nossas dificuldades recíprocas, das dificuldades que os empresários alemães eventualmente encontram no Brasil e das dificuldades que o comércio brasileiro encontra na Alemanha ou na Comunidade Européia. Nesse encontro, sem dúvida, os empresários puderam acertar um pouco melhor os seus relógios e chegar a um entendimento que considero proveitoso, pelas notícias que me dão dos investimentos que se estão ampliando nos diferentes setores brasileiros, com capitais e tecnologia alemães.

Tive também oportunidade de visitar dois centros de pesquisas sobre energia, particularmente energia nuclear. Estive em Karlsruhe e também em Julich, onde pude verificar os avanços tecnológicos que a Alemanha realiza e a cooperação que vem sendo prestada a um grande número de técnicos e engenheiros brasileiros que trabalham ou estagiam nesses dois centros.

Vejo, pois, o resultado da minha visita como altamente auspicioso, inclusive admitindo que, com esta visita e com essas conversações, se poderá ter aqui na Alemanha um melhor conhecimento do que é o Brasil, do que se faz no Brasil, como se vive no Brasil e do que pretendemos e imaginamos fazer no Brasil.

Hoje, depois desta conferência de imprensa, irei à chancelaria, juntamente com o Chefe do Governo Helmut Schmidt, para subscrevermos um comunicado conjunto, que traduzirá o estágio atual das relações entre os dois países, o quadro de nossa convivência e de como encaminharemos daqui por diante as nossas relações em todos os campos, inclusive no que se refere ao intercâmbio de informações e de propósitos na área política.

P — O que nos diz a respeito das salvaguardas exigidas pelo Governo holandês? O Presidente concordaria em aceitar tais salvaguardas?

R — O acordo nuclear firmado entre a Alemanha e o Brasil prevê o fornecimento de urânio enriquecido para as usinas nucleares brasileiras, até que a unidade de enriquecimento de urânio esteja instalada e construída no Brasil. Posteriormente, ficou acertado que esse urânio enriquecido seria fornecido pela Urenco, que é uma entidade internacional formada pela Holanda, Inglaterra e Alemanha. O Governo holandês achou que esse fornecimento deveria ser submetido a um complemento de salvaguardas e nesse sentido se dirigiu ao Brasil. Acordou-se, então, uma modalidade de salvaguarda que foi aprovada pelos governos do Brasil, da Alemanha, da Holanda e da Grã-Bretanha, através de um memorando, nos primeiros dias de janeiro deste ano. Posteriormente, o Parlamento da Holanda, segundo informações que recebemos pela imprensa, achou que as salvaguardas oferecidas lhe pareciam insuficientes, e deseja maiores salvaguardas, novas condições. Inclusive o próprio parlamento da Holanda deseja acompanhar o desenvolvimento desses trabalhos. O Brasil não tem conhecimento oficial dessa deliberação do Parlamento holandês.

Até hoje não houve uma comunicação oficial ao Brasil sobre essas novas exigências. Mas o Brasil acha que não tem por que levar em consideração as exigências do Parlamento holandês, porque as suas negociações são com a Urenco. O Brasil está disposto a cumprir o memorando que foi

aceito por todos em janeiro, nos primeiros dias de janeiro deste ano, manter-se estritamente dentro dele, submeter-se a todo controle da Agência Internacional de Viena, no que se refere a salvaguardas, mas não tem por que, unilateralmente, aceitar exigências de um terceiro ou quarto país, quando nossa negociação não é uma negociação particular com a Holanda, a nossa negociação é com o conjunto da Urengo.

P — Seguiram-se três perguntas. Uma sobre o aprofundamento de nossas relações com a Alemanha, e se o Presidente Geisel gostaria de ter realizado, no plano externo ou no interno, algo que por qualquer motivo não pôde realizar. Outra indagando se a viagem à Alemanha seria o ponto final nos realinhamentos que o Presidente considerou necessários logo no início do seu governo, e finalmente outra pergunta sobre os direitos humanos.

R — Evidentemente que eu gostaria de, tanto no campo interno como no externo, realizar muito mais do que aquilo que pude realizar. É próprio da natureza humana. Nós sempre, nos nossos desejos de realizações, temos ambições muito maiores do que aquelas que a realidade nos permite enfrentar. É feliz seria aquele governante que pudesse terminar o seu governo dizendo que fez tudo que desejava fazer. Há muitas coisas que sonhei fazer no meu País, no campo interno e nas relações externas, que evidentemente não vou poder realizar, porque a natureza humana é falha e as circunstâncias em que o mundo se apresenta são mutáveis, sobretudo depois da crise econômica com a qual já há alguns anos defrontamos. Então, devo-lhes dizer, embora não seja pessimista, que as minhas realizações, tanto internas como externas, estão muito aquém daquilo que eu ambicionava, ou daquilo que o Brasil realmente necessita realizar.

Realmente, nós fizemos uma série de realinhamentos diplomáticos, mas, no mesmo quadro da resposta que dei à pergunta anterior, ficamos bem aquém daquilo que ambicionávamos. Hoje em dia, no que concerne à área diplomática, demos maior expansão aos nossos serviços no exterior.

Restabelecemos relações com a República da China, assunto que na ocasião foi muito controvertido em nosso País, mas que hoje estou convencido de ter sido uma solução adequada e de real valor para o Brasil. Desenvolvemos relações com os países asiáticos, desenvolvemos muito as nossas relações com os países árabes do Oriente Médio. Desenvolvemos, sobretudo, a nossa atuação na África, principalmente na África ocidental, que é nossa vizinha. Desenvolvemos, em grau bastante elevado, as nossas relações — que já eram grandes, aliás — com os países da América Latina, particularmente com os nossos dez vizinhos, com os quais temos fronteiras e vivemos em perfeita harmonia e em ambiente de paz. Desenvolvemos particularmente nossas relações com um país como a Venezuela com o qual temos fronteira passiva, sem vida. Enquanto o Brasil estava voltado para o Atlântico e a Venezuela para o Caribe, nós nos desconhecíamos. Pois bem, hoje em dia essas relações estão se aperfeiçoando e se incrementando. Desenvolvemos bastante as nossas relações com o México, outro país com o qual temos muitas afinidades e que, entretanto, em relação a nós estava distante. Desenvolvemos também as nossas relações, sobretudo, aqui na Europa Ocidental. Pela primeira vez, um governante brasileiro foi à Grã-Bretanha, à França e agora à República Federal Alemã. Temos relações comerciais com a União Soviética e demais países do Leste: Romênia, Iugoslávia, Hungria, Tchecoslováquia e Polônia. Temos relações com países do Norte da África, inclusive a Argélia e a Líbia. Temos relações com o Egito, o Iraque e o Irã. Do mesmo modo, mantemos boas relações com um velho amigo do Brasil, que são os Estados Unidos da América do Norte. As nossas

relações de amizade com a nação norte-americana datam de mais de século, vêm desde os períodos da independência, são relações humanas e econômicas em alto grau.

É evidente, entretanto, que neste quadro de nossas relações existem divergências, fricções, pontos de vista diferentes que procuramos, tanto quanto possível, conciliar. É o que ocorre, por exemplo, com relação aos Estados Unidos da América relativamente ao desenvolvimento nuclear no Brasil, em que há pontos de vista antagônicos mas que nós, através de conversações e de explicações, procuramos minimizar e ver onde podemos convergir num trabalho comum.

Há divergências na área comercial: o Brasil, por exemplo, se ressentido muito de restrições que se opõem ao comércio internacional. País que tem que exportar, e exportar muito, para poder compensar suas importações, sobretudo de petróleo, que tem de exportar para honrar sua dívida, pagando em dia as amortizações e os juros, o Brasil, entretanto, encontra, muitas vezes, restrições protecionistas contra as quais lutamos aqui na Comunidade Européia e nos Estados Unidos também. Mas, de qualquer forma, acredito que, no meu governo, as relações internacionais do Brasil se ampliaram bastante e neste quadro acredito também que hoje em dia já se tem um melhor conhecimento do que é o Brasil, do que o Brasil representa no quadro mundial e quais são as nossas deficiências e as nossas debilidades, mas também quais são os nossos pontos fortes, aquilo que realizamos e estamos realizando em nosso País.

Há, finalmente, uma pergunta relacionada com um tópico da Carta das Nações Unidas, que vai figurar no comunicado conjunto relativamente a direitos humanos. Desejo dizer-lhes e vou repetir o que já disse em outras oportunidades, que o Brasil é um país que se preocupa extraordinariamente com os direitos humanos, apesar de muitas vezes, em órgãos mal informados ou tendenciosos, se dizer coisa diferente. Damos aos direitos humanos o sentido amplo, como está, aliás, prescrito na Carta das Nações Unidas, que todos nós sancionamos e subscrevemos. Direitos Humanos, para nós, consistem sobretudo em elevar o nível econômico, social e político da nossa população. Nós nos preocupamos em proporcionar à nossa população, que é bastante elevada — o Brasil já tem hoje mais de 115 milhões de habitantes, e estamos crescendo a uma taxa elevadíssima de 2,7 por cento ao ano — nós nos preocupamos em proporcionar, tanto quanto possível, a essa população, trabalho, educação, saúde, habitação, liberdade. Creio que quem viveu no Brasil, ou quem já esteve por lá, sabe do grau elevado de liberdade lá existente.

Preocupamo-nos em que esses direitos humanos sejam preservados. É claro que lá, como em toda a parte, há violações dos direitos humanos e toda vez que recebemos queixas dessas violações, seja que setor for, nós nos preocupamos em averiguar e punir aqueles que forem responsáveis por tais violações. Explora-se, por exemplo, muito no Brasil, a situação relacionada com o índio. Entretanto, o Governo dá aos indígenas toda a proteção possível, evitando sobretudo que ele seja explorado pelo branco. O índio, em termos legais, é tutelado pelo Estado brasileiro. É evidente que dentro da dimensão que o Brasil possui — 8,5 milhões de quilômetros quadrados, trinta e poucas vezes o tamanho da República Federal Alemã, quase duas vezes e meia o tamanho da Europa Ocidental — há áreas de desenvolvimento diversificado, regiões que ainda estão praticamente desabitadas, outras altamente desenvolvidas e outras relativamente pobres, em consequência das condições climáticas. Nesta divergência e neste quadro imenso que o País apresenta é evidente que muitos fatos ocorrem, que não deveriam

ocorrer. Mas são fatos que ocorrem em todas as partes do mundo. Ontem, estive em Berlim e vi lá certos aspectos com os quais também nos preocupamos. É o caso, por exemplo, dos direitos humanos. Nós lhes damos um sentido mais amplo. Mas aqui, quando se fala em direitos humanos, pensa-se apenas em seus aspectos políticos. Nós achamos, entretanto, que eles têm um sentido mais amplo e exigem, para que se concretizem, o investimento de recursos extraordinários, sobretudo na construção da infra-estrutura de um país relativamente novo como é o Brasil, que tem menos de 500 anos de existência, dos quais 350 foram de verdadeiro regime colonial.

P — Seguiu-se uma série de perguntas, sobre as exigências do Parlamento holandês, no caso do Acordo Nuclear, e de um jornalista espanhol que queria conhecer o pensamento do Presidente Geisel sobre a democratização da Espanha e se o modelo adotado naquele país seria válido para o Brasil.

(O Presidente Geisel aguardou que as perguntas terminassem e a todas respondeu de uma só vez.)

R — Em relação à pergunta de que o Parlamento holandês insiste nas suas exigências de maiores salvaguardas e de como ficaria a Holanda em relação à Urenco, trata-se de um problema da Urenco. Acredito que seja um problema a resolver entre a Alemanha, a Grã-Bretanha e a Holanda. Torno a dizer que o Brasil não negocia esse assunto separadamente com a Holanda. O contrato que o Brasil tem, o acordo que o Brasil fez foi com a Urenco. Em segundo lugar, o jornalista quis saber como é que, tendo o Ministro holandês estado há dois dias em conversações com o meu Ministro das Relações Exteriores, eu alego que o Brasil não tem conhecimento oficial dessa posição. Realmente, o Governo brasileiro só passou a ter conhecimento oficial dessa posição depois dessa conversação. Até então, embora a decisão do Parlamento tivesse sido adotada há mais de um mês, a Holanda não fez nenhuma notificação oficial ao Brasil. O Ministro holandês das Relações Exteriores esteve em conversações aqui para obter a aquiescência, o consentimento do Governo brasileiro a essas exigências. E a resposta que lhe foi dada foi a de que nós não poderíamos dar esta aquiescência, uma vez que o problema, em nosso modo de ver, estava no âmbito da Urenco e que nós não negociaríamos em separado com a Holanda, uma vez que a exigência se referia a novas condições que não estavam previstas no memorando de entendimento que todos nós havíamos anteriormente assinado.

Finalmente, em resposta à pergunta do jornalista espanhol, que quer conhecer o meu pensamento sobre a democratização na Espanha e se o modelo que foi adotado na Espanha seria válido para o Brasil, devo dizer que não desejo entrar na análise do problema da democratização espanhola. Acho que cada país é soberano e resolve os seus problemas de acordo com as suas conjunturas e as suas circunstâncias.

Mas desejo desde logo frisar que não cabe estabelecer um paralelo entre a Espanha e o Brasil. A Espanha teve, em primeiro lugar, uma revolução sangrenta que durou vários anos na década de 30. Em consequência dessa revolução, surgiu um regime forte, caracterizado pela ditadura do general Franco. Após a morte do general Franco e a subida ao trono do rei Juan Carlos, a Espanha resolveu transformar o seu regime, que era verdadeiramente ditatorial, num regime democrático.

Muito bem: no Brasil não aconteceu nada disso. A ditadura no Brasil acabou quando acabou o primeiro regime do Presidente Vargas. Depois disso, o Brasil tem vivido em regime democrático, com Parlamento funcionando, com Senado e Câmara de Deputados, com Poder Judiciário funcionan-

do, com partidos organizados, com uma oposição bastante agressiva funcionando. É bem verdade que nós temos uma revolução que se fez em 1964 contra uma tendência de comunização do País e em consequência dessa revolução se estabeleceram algumas leis de exceção mais rigorosas no país no sentido de coibir a subversão. Tivemos terrorismo, tivemos embaixadores seqüestrados, inclusive um embaixador alemão, um embaixador americano e um embaixador suíço, tivemos lutas de guerrilhas em nosso País, e isto nos obrigou a adotar algumas medidas excepcionais na nossa legislação, para reprimir esses movimentos.

Pois bem. Hoje o Brasil vive em paz e vive em ordem, que são elementos fundamentais para que possamos nos desenvolver, para que possamos dar ao País um maior desenvolvimento econômico e melhores condições sociais e proporcionar ao nosso povo mais bem-estar, condições de vida melhores do que aquelas em que vivia e vive hoje. Estamos trabalhando no sentido de acabar com essas leis excepcionais. Estamos realizando um esforço para ver se podemos já, agora, abolir essas leis, dar um avanço no nosso desenvolvimento político, assegurando, entretanto, o regime de ordem e de paz em que o País vive. Estamos caminhando progressivamente, com bastante cuidado, porque nós não queremos adotar medidas demasiadamente avançada que amanhã possam levar os governantes a ter que voltar atrás. É preferível caminhar progressivamente, à medida que as circunstâncias o permitam, do que ousadamente querer fazer tudo de uma vez e depois termos que ter um retrocesso, como já tivemos em várias oportunidades de nossa história.

Vejo então que não há semelhança entre o que se passa na Espanha e o que se passa no Brasil. Não é possível comparar as duas coisas. A base é diferente, a situação do país é diferente e esses fatores nacionais é que devem ser invocados. Cada país tem que ter, dentro de princípios humanos e democráticos, a organização adequada às suas próprias circunstâncias. Não cabe copiar modelos de outros países, pô-los no papel, dar-lhes uma forma muito bonita, muito agradável, que satisfaça sobretudo os juristas mas que depois, na realidade prática, não funcionam. É preciso que os regimes políticos, as normas políticas e as leis sejam cumpridas, funcionem, mas para isso tem que se adaptar à índole do povo e às circunstâncias em que o país vive. Copiar modelos dos outros, tomar o regime inglês e aplicá-lo no Brasil, ou copiar o regime alemão não é válido, porque o Brasil é um país de características muito diferentes e tem problemas diferentes. Agora, o que se deve fazer é um regime que seja tão democrático quanto possível, em que o homem seja realmente o elemento fundamental e o objeto de todas as preocupações do Governo. O Governo existe para cuidar do bem-estar do seu povo. E é isso o que nós estamos procurando fazer no Brasil.

P — A propósito do encontro com Willy Brandt, presidente da Internacional Socialista, um jornalista brasileiro quis saber como o presidente Geisel via a presença dessa corrente política na América Latina e particularmente no Brasil.

R — Tive uma conversa bastante prolongada, cerca de uma hora e meia, com o Senhor Willy Brandt. Conversamos bastante sobre o quadro mundial e conversamos também sobre a situação da América Latina. Mas evidentemente a social-democracia que se pratica na Alemanha tem características próprias da Alemanha. É um regime em que há uma preocupação muito grande com o homem, com o trabalhador, mas um regime em que funciona francamente o capitalismo. É uma social-democracia, mas em que a base econômica é o capitalismo. E é o que nós fazemos no Brasil.

Tenho no Brasil me preocupado muito em considerar o nosso capitalismo sob a denominação de neo-capitalismo, quer dizer, o capitalismo em que os problemas sociais, os problemas do bem-estar do homem, sobretudo do trabalhador, que é um dos grandes participantes do processo econômico e do desenvolvimento, devem ser atendidos. Os problemas sociais no Brasil têm merecido no meu Governo uma ênfase toda especial. Nós nos preocupamos em assegurar ao trabalhador uma série de condições de vida melhores, senão em salários, que não podem crescer desmesuradamente porque já vivemos hoje sob uma inflação muito grande e sabemos que o salário é um dos fatores inflacionários, mas procuramos, através de correções manter os salários em crescimento de acordo com o nível do custo de vida. Nós procuramos toda vez que o trabalhador adquira melhores qualificações, que ele imediatamente cresça do ponto de vista salarial.

Preocupamo-nos em assegurar ao trabalhador condições de saúde, preocupamo-nos extraordinariamente com a segurança do trabalho. O Brasil era no mundo, talvez, o país em que havia maior número de acidentes de trabalho. Pois bem, hoje as medidas adotadas de segurança do trabalho são muito grandes e o número de acidentes caiu substancialmente nos últimos anos. E assim existe uma série de medidas, inclusive através de uma Justiça do Trabalho, que está organizada no Brasil desde o regime do presidente Vargas e que se aperfeiçoa e funciona no sentido de assegurar ao trabalhador todos os direitos que a legislação lhe proporciona, e que também se preocupa em resolver todos os dissídios e todas as questões que surgem entre os trabalhadores e os empresários. Acho que, conseqüentemente, a democracia que se pratica no Brasil tem um sentido altamente social.

P — Qual o significado da visita ao Brasil do General Ramalho Eanes, e como o Senhor Presidente caracteriza as relações entre o Brasil e Lisboa?

R — Nós tivemos no Brasil há algum tempo a visita do Senhor Primeiro-Ministro, Chefe do Governo Português, e agora teremos, em breve, a visita do Presidente de Portugal, o General Eanes. Esta visita, assim como a do Chefe do Governo, se caracteriza sobretudo pelas afinidades, vamos dizer mesmo de natureza sentimental, que ligam o Brasil a Portugal. O Brasil é fruto de Portugal, é um filho de Portugal. O Brasil existe em decorrência da atuação do gênio português, que soube na época dos descobrimentos construir um país das dimensões do nosso, que muito deve a Portugal, nesse sentido. O que temos em formação territorial, a expansão territorial que o Brasil teve no período da Colônia, deve aos portugueses. A nossa formação cultural é, basicamente, portuguesa. E o contingente de portugueses que existe no Brasil é extraordinariamente grande, talvez o mais numeroso. Dessa forma, embora nós não tenhamos relações importantes de natureza econômica com Portugal, temos vínculos de natureza humana e histórica mais fortes do que com qualquer outro país do mundo. É dentro deste quadro que eu acredito que a visita do Presidente Eanes possa ser feita ao Brasil. Isso faria robustecer um relacionamento que, de certa forma, em conseqüência dos movimentos revolucionários, foram um pouco abalados.

P — Estamos em vésperas de uma campanha eleitoral no Brasil, considerada muito importante, porque seu resultado poderá proporcionar a base de sustentação das reformas políticas que estão sendo cogitadas. Vossa Excelência acredita que um resultado adverso para a Arena poderia, de algum modo, afetar o relacionamento com a Alemanha, já que as autoridades deste país disseram estar acompanhando com interesse o processo de abertura política no Brasil?

R — Realmente, este ano nós vamos ter novamente eleições gerais no Brasil. Breve vai-se eleger o novo Presidente da República, vão se eleger governadores dos Estados, senadores e deputados federais, deputados das Assembléias Estaduais. Esta será a terceira eleição que se realiza no meu governo. A primeira foi em 1974, a segunda em 1976 e esta, agora, com características de maior amplitude. Desejo mencionar que no meu governo de cinco anos já houve duas eleições e haverá uma terceira. Aqueles que acham que no Brasil não há liberdade, não há democracia, anemem bem isto, somos um país que no período de cinco anos fez três eleições. E todos aqueles que são políticos sabem o que estes fatos significam. Esta eleição — e está aqui formulada a hipótese de que a Arena venha a perdê-la — é um assunto interno, brasileiro. Não vou discuti-lo, porque eu como Presidente de Honra da Arena não acredito nessa derrota. A Arena vai ganhar, vai ganhar porque o povo brasileiro sabe o que é Arena, e sabe o que o Governo está fazendo pelo povo. E eu acredito no meu povo. Não creio que a Arena perca. Mas vamos nos colocar dentro dessa hipótese. Se a Arena perder a eleição, as relações com a Alemanha não serão afetadas, porque essas relações independem da Arena, do MDB ou de qualquer outro partido político no Brasil. As relações com a Alemanha têm um fundamento bastante sólido para resistir a qualquer mutação política.

P — Durante a reunião com o presidente do partido CDU e dos outros chefes de partido da Alemanha, teve Vossa Excelência a oportunidade de falar sobre o aumento do número dos partidos?

R — Não. Essa matéria não foi abordada. Nossas conversações não versaram sobre isso, porque esses são problemas internos, da autonomia e da soberania de cada país. Eu, por exemplo, tomei conhecimento em detalhes da organização política da Alemanha Federal, de seus diferentes partidos, de suas posições e suas tendências e suas possibilidades e de seus ideais. Mas não fiz nenhuma crítica disso, vi, li, ouvi, tomei nota e muitas coisas me satisfizeram. Mas não emiti nenhuma opinião de como eu achava que deveria ser. Da mesma maneira, tive oportunidade de expor aos chefes políticos dos partidos alemães qual era a posição do Brasil, qual era a nossa orientação, e eles, respeitando, evidentemente, também a nossa soberania, não fizeram crítica ao nosso sistema. Quer dizer, houve apenas trocas de informações e não debates sobre qual seria a melhor forma e organização que se deveria adotar, mesmo porque, torno a dizer, o Brasil é diferente da Alemanha Ocidental e, em muitos aspectos, estamos muito distanciados e menos desenvolvidos. Quanto a outros aspectos, e eu disso me orgulho, acho que o Brasil tem coisas melhores.

P — Presidente, sua presença na Alemanha precede as viagens do presidente Jimmy Carter ao Brasil, em março, e à Alemanha em junho. Neste momento, ao final de sua visita, pode-se falar em um ajuste de posições comuns em Bonn, frente às pressões antinucleares e econômicas de Washington?

R — A visita que o Presidente Jimmy Carter fará nos últimos dias de março, ao Brasil, não tem correlação nenhuma com esta minha viagem à Alemanha. Há uma mera coincidência. Como sabem, a visita do Presidente Carter tinha sido programada anteriormente e foi adiada por circunstâncias internas dos Estados Unidos, e minha viagem à Alemanha foi programada já há bastante tempo, em decorrência do convite do Presidente Scheel me fez. Então, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas está claro, e já é conhecido, que tanto a Alemanha como o Brasil, relativamente aos Estados Unidos, assumiram a posição de respeitar e manter o Acordo Nuclear que foi firmado em 1975. Quer dizer, o Governo dos Estados Unidos

está ciente de que o Governo da Alemanha honrará esse tratado e o cumprirá, como está ciente também que o Brasil vai dar plena execução ao estabelecido. Nas conversações que tive com o Chefe de Governo Schmidt, mais uma vez ficou claro que a posição da Alemanha e do Brasil era esta. Assim, os nossos entendimentos foram no sentido de que o tratado assinado será honrado pelos dois países. Ele, aliás, está em pleno funcionamento. Existe grande número de atividades nos diferentes setores, em várias empresas, no sentido de dar andamento a esses compromissos. O tratado está de pé e nós não estamos parados. Na visita do Presidente Carter ao Brasil ele evidentemente abordará esse problema e eu lhe mostrarei, mais uma vez, qual é a posição brasileira. Mas, veja bem, o presidente Carter será bem-vindo ao Brasil e será recebido como amigo, porque acho que os pontos de convergência e de vinculação que temos com os Estados Unidos são em muito maior número que os pontos de divergência. Nós concordamos em muito mais coisas do que discordamos. E naquelas em que discordamos, evidentemente procuraremos conversar, para ver se podemos encontrar pontos de vista comuns.

P — Às várias perguntas sobre Cuba, e os conflitos bélicos que se desenvolvem no "Chifre da África", abrangendo a Somália, a Eritreia, em confronto com a Etiópia, o Presidente também deu uma só resposta.

R — Em primeiro lugar, desejo destacar que Cuba não é vizinho do Brasil. Cuba é um país do Caribe, com o qual o Brasil não tem relações de qualquer natureza. É o único país do mundo, aliás, com o qual o Brasil não tem relações. Cuba tem servido de instrumento para forçar a revolução comunista. Houve época em que se treinavam guerrilheiros sul-americanos em Cuba. Houve época em que Cuba procurou interferir na América do Sul, o caso típico é o de "Che" Guevara na Bolívia. Hoje, Cuba está com forças armadas, possivelmente com outros representantes, atuando em países da África. Nós, evidentemente, condenamos essa atuação, porque, dentro da nossa doutrina política, somos partidários da autodeterminação dos povos, somos partidários do respeito a soberania dos povos, e não admitimos, dentro dessa nossa formação, interferência de um país estrangeiro com forças armadas na região da África. Do ponto de vista brasileiro, condenamos essa atuação. O Brasil está presente na África, sobretudo nas antigas possessões, nas antigas chamadas províncias ultramarinas de Portugal. Estamos em Angola, estamos em Moçambique, em Guiné-Bissau e em outras áreas, procurando cooperar, e, através dessa cooperação, mostrar a esses países que eles poderão ter outras opções que não seja a opção comunista.

Mantemos, também, relações com quase todos os países da África, sobretudo, como eu disse, da Costa Ocidental, com o objetivo de assegurar maior intercâmbio comercial, principalmente, e atender a outras características com que o Brasil se apresenta. Não se esqueçam de que o Brasil foi um país que teve escravidão negra por muito tempo e, infelizmente, por demasiado tempo. Mas essa escravidão negra trouxe aportes ao nosso modo de vida e à nossa civilização que não podemos desprezar. Temos muitas coisas que fazem parte do caráter nacional brasileiro, que resultam da contribuição da raça negra. Assim como tivemos valiosas contribuições da raça branca, de origem européia, tivemos a contribuição dos índios e de outros povos, e subemos, num verdadeiro milagre, unir essas contribuições todas, tendo em vista, através delas, formar uma verdadeira nacionalidade distinta, que é o Brasil. Não existe país no mundo em que povos de diferentes origens convivam tão harmonicamente, inclusive os contingentes árabes e judeus que vivem irmanados no Brasil.

Não há, no Brasil, exemplos de conflitos raciais, e acredito que, nesse sentido, o Brasil constitui um exemplo para o mundo. Pois bem, essa contribuição africana, que nós não menosprezamos e, pelo contrário, incorporamos ao nosso sistema de vida, faz com que procuremos ter maiores vinculações com os países da África de raça negra. O caso particular da Somália com a Etiópia, desse conflito no "Chifre da África", é problema que nos preocupa, sem dúvida, por que do ponto de vista geopolítico é uma das áreas sensíveis, pela posição que ocupa em relação ao Oriente Médio, como área de entrada, vamos dizer do Mar Vermelho. Mas o Brasil não tem tido maior interferência, a não ser a de condenar a situação de países estrangeiros em conflitos locais. Achamos que esses problemas tinham de ser resolvidos de acordo com os estatutos da própria Organização Africana e, sobretudo, respeitando os limites que foram acertados nessa organização, que são os mesmos limites que prevaleciam quando a África estava submetida ao regime colonial.

Creio que estou sendo informado de que estamos no fim da nossa hora e eu tenho compromissos protocolares de alta relevância que não posso deixar de cumprir. É evidente que estou certo de que os senhores teriam inúmeras outras perguntas a fazer, e eu gostaria, realmente, de me deter mais e poder respondê-las talvez com maior precisão e mais detalhes, porque o meu objetivo aqui é informá-los. Sei da importância que a Imprensa tem, o que ela representa e aprez-me que ela seja bem informada. Não tendenciosamente, que seja bem informada no que há de real, tanto no sentido bom como no sentido mau para que ela, também honestamente, possa transmitir aos seus leitores informações verídicas. Mas, infelizmente, o tempo é curto e eu lhes agradeço a atenção que nos dispensaram.

A Assinatura da Nota Conjunta

Terminada a entrevista à imprensa o Presidente Geisel dirigiu-se à Chancelaria alemã, onde, à porta, foi recebido pelo Primeiro-Ministro Helmut Schmidt. Os dois Chefes de Estado dirigiram-se ao 2.º andar, e, na sala ao lado do gabinete de trabalho do Chanceler, teve início a solenidade de assinatura da Declaração Conjunta. (Texto no final do volume.)

Presenciaram o ato os Ministros da Relações Exteriores do Brasil e da Alemanha, Azeredo da Silveira e Hans Dietrich Genscher, os Ministros da Fazenda, Mário Henrique Simonsen; do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso; da Indústria e Comércio, Ângelo Calmon de Sá; o General Gustavo de Moraes Rego Reis, Ministro-Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; o Embaixador do Brasil junto ao Governo de Boon, Jorge de Carvalho e Silva; o Senador Virgílio Távora; a filha do Presidente, senhorita Amália Lucy; o Secretário particular, Heitor Ferreira; o Chefe do Cerimonial da Previdência, Ministro Jorge Carlos Ribeiro e o médico do Chefe do Governo, Dr. Américo Mourão.

Pelo Governo alemão assistiram à cerimônia os Ministros Federal das Finanças, Hans Matthoffer; da Economia, Otto Graf von Lam Sdorff; do Interior, Werner Maihofer; da Pesquisa Tecnológica, Volker Nauff; e da Cooperação Econômica, Rainer Offergeld.

A Fala de Helmut Schmidt

Depois de assinada a Declaração Conjunta, assim falou o Chanceler Helmut Schmidt:

"Senhor Presidente

Quem lê a Declaração Conjunta que acabamos de assinar, e que agora será publicada, verificará quão estreitas se tornarão as relações teuto-brasileiras no decorrer do tempo, consolidadas ainda mais pela sua visita. Creio poder dizer que com nenhum outro país do hemisfério sul nos unem laços tão fortes. As conversações mantidas com Vossa Excelência demonstraram-me claramente que a qualidade especial de nosso relacionamento não resulta apenas do excelente funcionamento de um amplo intercâmbio em todos os setores mas, em última análise, do fato de alemães e brasileiros terem os mesmos conceitos de valores. É esse também o motivo pelo qual damos grande importância ao julgamento dos nossos amigos brasileiros e a razão pela qual, juntamente com eles, queremos assumir responsabilidades.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para renovar-lhe os meus cordiais agradecimentos pela visita ao nosso país e pela visita a Berlim. Ao mesmo tempo gostaria de formular os melhores votos de felicidade para seu povo, seu país e para Vossa Excelência."

A Fala do Presidente Geisel

Em seguida, o Presidente pronunciou as seguintes palavras:

"Vim à República Federal da Alemanha a convite do Presidente Walter Scheel. Cheguei a este país na expectativa de que minha visita iria contribuir não só para consolidar o relacionamento entre o Brasil e a República Federal, mas também para aprofundá-lo, para dar-lhe novas e importantes dimensões. Não me decepcionei. Pelo contrário, a Declaração Conjunta que acabamos de firmar e os demais entendimentos que alcançamos, Senhor Chanceler Federal, indicam claramente o grau de maturidade de nossas relações, bem como anunciam a inauguração de nova e animadora etapa de compreensão, consulta e cooperação. Retorno, pois, ao Brasil, na convicção de que esta visita foi amplamente produtiva e que com ela pudemos dar poderoso impulso à nossa amizade recíproca. Ao despedir-me, desejo agradecer vivamente, em meu próprio nome e no dos brasileiros que me acompanham, a acolhida calorosa e amiga que nos foi dada, nestes dias de tantas realizações. Espero possamos retribuir toda a hospitalidade que recebemos, quando o Presidente Scheel e o Chanceler Schmidt nos visitaram, em atendimento a convites que hoje tive o prazer de lhes fazer. Muito obrigado."

A Despedida ao Presidente Scheel

Após a cerimônia da assinatura da Declaração Conjunta, o Presidente Geisel dirigiu-se à Vila Hammerschmidt, para despedir-se do Presidente Walter Scheel e sua esposa Mildred.

Em Hammerschmidt os dois Chefes de Estado, em uma sala reservada, conversaram durante 25 minutos. Em seguida, os Presidentes foram para o jardim fronteiro do prédio onde se realizaram as cerimônias de honras militares, com a execução dos Hinos Nacionais do Brasil e da Alemanha, por uma banda marcial. Os dois Presidentes passaram as tropas em revista e retornaram à varanda fronteira do edifício e despediram-se com um aperto de mão.

Enquanto acenava para o Presidente Geisel, que embarcara no carro que o levaria para o helicóptero que o transportaria para o aeroporto de Bonn/Colônia, o Presidente Walter Scheel declarava: "A visita foi um grande sucesso."

Eram 13 horas quando o Presidente Geisel e família embarcavam na aeronave que o traria de volta ao Brasil.

A garoa que caía no dia 5 de março, quando o Presidente Geisel chegava à República Federal da Alemanha, voltava a cair naquele dia 10, e a temperatura era também de 4 graus centígrados.

APÊNDICE

A Declaração Conjunta Brasil-Alemanha

O Convênio Firmado entre a STI e o KFA

A Comitiva que Acompanhou o Presidente Geisel à RFA

Como a Imprensa Mundial viu a Visita

A Imprensa do Brasil Analisa a Visita

A Declaração Conjunta Brasil-Alemanha

"O Presidente da República Federativa do Brasil, Ernesto Geisel, e o Chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Schmidt,

Recordando o espírito de tradicional amizade que caracteriza as relações entre o Brasil e a República Federal da Alemanha, conscientes do proveito que ambos os países têm auferido da cooperação inspirada na confiança mútua,

Reconhecendo as vantagens recíprocas que resultam de um intercâmbio mais intenso e equilibrado em todos os campos,

Reiterando sua adesão aos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas,

Tendo em vista o direito de todos os países ao desenvolvimento econômico e social e,

Empenhados em que todos os Estados cooperem nos campos econômico, social, cultural, bem como científico e tecnológico, com base na equidade e em benefício do Homem, acordam, por ocasião da visita oficial do Presidente Ernesto Geisel à República Federal da Alemanha, de seis a dez de março de 1978, a seguinte declaração conjunta:

1 — Ambas as partes concordam em aperfeiçoar e aprofundar sua compreensão e cooperação, assim como intensificar a troca de pontos de vista sobre questões de interesse comum, com base nas firmes e tradicionais relações de amizade que unem os dois países. Sublinham a utilidade de um diálogo contínuo entre dirigentes dos dois países, em especial a importância que tem encontros periódicos entre os dois Ministros das Relações Exteriores.

Reafirmam sua determinação comum de ampliar e aprofundar os contatos e as consultas, em todos os níveis, que se tornaram elemento integrante da cooperação entre os dois países.

Sublinham o particular significado da cooperação de ambos os países, especialmente no seio das Nações Unidas e em outros organismos e conferências internacionais, e acordam em aprofundar essa cooperação mediante consultas.

2 — Ambas as partes salientam o significado que atribuem à ampliação e intensificação da cooperação econômica, industrial, científica e tecnológica, que constitui uma das colunas-mestras das relações entre o Brasil e a República Federal da Alemanha. Consideram positivos os resultados já alcançados nessa cooperação e assinalam sua disposição de, também no futuro, dedicar uma atenção especial à expansão das relações econômicas e a intensificação da cooperação industrial, científica e tecnológica, bem como ao desenvolvimento do intercâmbio comercial.

Congratulam-se com o desenvolvimento positivo do intercâmbio comercial bilateral. Reafirmam na necessidade de prosseguir energicamente a colaboração no intuito de continuar a melhorar a estrutura da troca de produtos e aumentar o volume do comércio bilateral.

Reconhecem, ainda, a importância de que se reveste a ampliação das relações do Brasil com a Comunidade Econômica Européia, o que a República Federal da Alemanha, como Estado-membro da comunidade, apoiará na medida de suas possibilidades.

Ambas as partes apreciam o progresso já alcançado no campo da cooperação industrial e estão convencidas de que projetos econômicos a longo prazo e em moldes amplos são de especial valor para a intensificação da cooperação econômica e industrial. Também nesse contexto a Comissão Mista Teuto-Brasileira de Cooperação Econômica deverá desempenhar um papel cada vez mais importante.

3 — Ao analisarem o estado atual das relações econômicas e suas perspectivas, ambas as partes verificaram que, apesar do desenvolvimento positivo, nem todas as potencialidades neste campo têm sido aproveitadas.

Manifestam o seu especial interesse e a sua disposição de apoiar o desenvolvimento da cooperação interempresarial. Desejam, igualmente, fomentar o desenvolvimento da cooperação em terceiros mercados, principalmente no tocante à implantação de indústrias e aos projetos de infra-estrutura econômica, ambas as partes acentuam, também, a necessidade de realizar esforços para a promoção mais ampla possível de projetos de cooperação. Em conformidade com este objetivo, empenham-se em examinar, no âmbito de suas competências e na medida de suas possibilidades, todas as questões que entrem o desenvolvimento progressivo da cooperação econômica.

4 — Ambas as partes congratulam-se com o desenvolvimento favorável da cooperação entre os dois países no âmbito do acordo básico de cooperação técnica, de 30 de novembro de 1963, e do acordo geral sobre a cooperação nos setores da pesquisa científica e do desenvolvimento tecnológico, de 9 de junho de 1969, que acompanham com especial interesse. Expressam o desejo de intensificar ainda mais essa cooperação.

Ambas as partes se empenharão no sentido de que se facilite a todas as nações o acesso à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico.

Assinalam o trabalho da Comissão Mista Teuto-Brasileira de Ciência e Tecnologia, a qual pretendem ampliar, também futuramente, de maneira ainda mais eficaz.

5 — Ambas as partes, decididas a cooperar no campo nuclear com fins pacíficos, registram com especial satisfação o elevado nível da cooperação que se concretiza no âmbito da implementação do acordo sobre cooperação no campo dos usos pacíficos da energia nuclear, de 27 de junho de 1975, com base numa política efetiva de não proliferação de armas nucleares.

6 — As duas partes notam, com satisfação, que as intensas e múltiplas relações culturais teuto-brasileiras se têm desenvolvido continuamente, com base no acordo cultural, de 9 de junho de 1969, e nos convênios subsequentemente concluídos nos campos da educação e ciência.

Essas relações, que se têm desenvolvido com fundamento nos laços historicamente estreitos entre os dois povos, ganham crescente importância, da mesma forma que a cooperação política e econômica.

Ambas as partes declaram sua disposição de, na medida dos seus meios, promover e ampliar, no futuro, a cooperação e o diálogo nos campos da cultura, educação e ciência.

7 — Ao examinarem a conjuntura internacional, os dois governos reafirmam sua determinação de persistirem na política de manutenção da paz, fortalecimento da segurança internacional e promoção da cooperação entre as nações. Salientam que a política de distensão deve ser indivisível

e universal devendo ser aprofundada ainda mais. Opõem-se com firmeza a quaisquer tentativas de estabelecer zonas de influência.

A República Federativa do Brasil e a República Federal da Alemanha manifestam-se de forma decidida pelos princípios de soberania, da igualdade dos Estados, da não-intervenção em seus assuntos internos, bem como da exclusão da ameaça, ou do uso da força, na vida internacional. Declaram-se inequivocamente a favor da solução pacífica das controvérsias internacionais por meio de negociações, arbitragem e outros métodos pacíficos recomendados na Carta das Nações Unidas. As duas partes expressam seu decidido apoio à adoção de medidas eficazes de desarmamento, inclusive nuclear, sob estrito e efetivo controle internacional. Consideram que essas medidas contribuirão para o relaxamento das tensões e para o fortalecimento da segurança internacional. Indicam, a propósito, sua disposição de prestar contribuição positiva à próxima sessão extraordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas sobre o desarmamento, para tanto, cooperando entre si.

8 — Ambas as partes atribuem à Organização das Nações Unidas importância predominante para a manutenção da paz e o fortalecimento da segurança internacional, bem como acreditam que as Nações Unidas são o principal foro para a cooperação internacional igualitária. Defendem enfaticamente que o papel das Nações Unidas deve ser reforçado e mais desenvolvido. Consideram a cooperação internacional para a afirmação dos direitos humanos, em todos os seus aspectos, como um dos mais nobres objetivos das Nações Unidas.

9 — As duas partes julgam necessária a intensificação da cooperação internacional, que sirva à elaboração de medidas eficazes para garantir a segurança da aviação civil, prevenir e combater a pirataria aérea, bem como a tomada de reféns particularmente nas Nações Unidas e em outros organismos internacionais.

10 — As duas partes estão persuadidas de que o futuro progresso econômico no mundo, tanto nos países em desenvolvimento quanto nos países industrializados, só poderá ser assegurado através da cooperação internacional.

Para reduzir e eliminar as iniquidades econômicas, existentes entre países em desenvolvimento e países industrializados, as duas partes continuarão a empenhar-se em estreita cooperação, para o estabelecimento de uma ordem econômica internacional, justa e equitativa. Consideram necessária, para um justo equilíbrio de interesse entre os países em desenvolvimento e industrializados, uma maior abertura dos mercados nos países industrializados para os produtos provenientes dos países em desenvolvimento, não apenas para matérias-primas, mas também para produtos semi-acabados e finais. São da opinião de que esses esforços deverão ser realizados igualmente por todos os países industrializados, tanto no Ocidente, quanto no Leste. Nesse sentido, assinalam sua preocupação com o ressurgimento de medidas de caráter protecionista.

Entendem que uma duradoura parceria econômica, baseada nos princípios da economia de mercado, atendidas as particularidades de cada país, favoreça o equilíbrio de interesse visado a nível internacional. Nesse sentido, a transferência de tecnologia poderá tornar-se fator de fundamental importância, ambas as partes acentuam o caráter exemplar da cooperação bilateral entre o Brasil e a República Federal da Alemanha."

Bonn, em 10 de março de 1978.

O Convênio Firmado Entre a Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio (STI) e o Centro de Pesquisas Nucleares de Julich (KFA)

Artigo primeiro

A Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio (STI) e o Centro de Pesquisas Nucleares de Julich (KFA) firmam o presente acordo sob forma de convênio especial, nos termos do artigo 1, parágrafo 3, do Acordo Geral de Cooperação nos Setores da Pesquisa Científica e do Desenvolvimento Tecnológico, assinado pelos Governos da República Federativa do Brasil e da República Federal da Alemanha, em 9 de junho de 1969, em Bonn.

Artigo segundo

(1) A STI e o KFA desenvolverão programas de cooperação no campo da tecnologia industrial. Esta cooperação se realizará sob a forma de projetos que despertem interesse mútuo, com vistas a promover a tecnologia industrial e a cooperação entre os dois países. Os seguintes setores foram escolhidos de comum acordo para o início da cooperação, podendo tal lista ser ampliada no futuro:

- 1 - metalurgia de metais especiais e suas ligas;
- 2 - tecnologia de soldagem;
- 3 - corrosão;
- 4 - controle de qualidade de materiais e produtos manufaturados;
- 5 - Aplicação de biotecnologia no processamento de materiais orgânicos.

(2) A cooperação compreenderá a execução integral de certos projetos ou a execução de parcelas especiais de projetos, tais como o intercâmbio de pessoal e cessão de equipamento para a realização de testes e desenvolvimento em escala de laboratório, em plantas-piloto, bem como em escala de produção semi-industrial. Em cada projeto será especificada a participação das partes envolvidas e, eventualmente, de firmas industriais dos países das partes contratantes, por estes convidados, tendo por objetivo uma adequada distribuição de tarefas.

(3) Quando empresas industriais e/ou outros participantes dos dois países ou de um deles forem convidados a participar de projetos no âmbito desse Acordo, as relações entre os participantes do projeto poderão ser estabelecidas mediante entendimentos especiais que necessariamente levarão em conta as disposições deste Convênio Especial. Condições adicionais a este Convênio Especial deverão ser aprovadas pela STI e KFA.

Artigo terceiro

A STI e o KFA coordenarão encontros de especialistas nos setores escolhidos, a fim de definir e detalhar projetos específicos, com atribuições de encargos.

Artigo quarto

(1) Os cientistas e técnicos brasileiros enviados no quadro do presente Convênio, com os quais o KFA, ou a instituição por ele designada, concluir contrato de trabalho, serão equiparados de pleno direito, durante o exercício

das atividades a eles atribuídas, aos cientistas e técnicos alemães em funções análogas. Ficarão sujeitos às disposições do Direito de Trabalho alemão e serão segurados contra acidentes do trabalho. Cientistas e técnicos aos quais entidades alemãs concederem bolsas-de-estudo estarão sujeitos às condições usuais na concessão de tais bolsas, além das condições estabelecidas por entendimentos especiais entre eles e o KFA. Serão segurados contra acidentes de trabalho pela instituição onde estejam trabalhando.

(2) Da mesma forma, os cientistas e técnicos alemães enviados no âmbito do presente Convênio, com os quais a STI, ou a instituição por ela designada, concluir um contrato de trabalho, serão equiparados a seus colaboradores. Serão remunerados segundo os níveis de vencimentos fixados para cientistas e técnicos estrangeiros e segurados contra acidentes de trabalho.

(3) Os cientistas e técnicos enviados por curto período, no quadro do presente Convênio, que não sejam contratados na forma prevista nos parágrafos 1 e 2 e que não recebam bolsas-de-estudo na parte alemã, receberão da parte contratante retribuidora, durante o período da sua visita ao país receptor, uma indenização calculada por dia de estada. O montante da diária será fixado pelas partes contratantes, cada vez, pelo período de um ano calendário, levando-se em consideração o custo de vida na Alemanha e no Brasil, respectivamente.

(4) As despesas de viagem dos cientistas e técnicos enviados no âmbito do presente Convênio serão custeadas pela parte contratante que os envia. Esta parte responde igualmente pela continuidade dos salários dos cientistas e técnicos enviados, com os quais a parte contratante retribuidora ou a instituição por ela designada não conclui contrato de trabalho. Nesse caso, contudo, a parte contratante retribuidora deverá, adicionalmente, pagar a indenização mencionada no parágrafo (3).

Artigo quinto

(1) Às invenções feitas por cientistas ou técnicos de uma das partes contratantes, no exercício das atividades previstas neste Convênio Especial, no país da outra, aplicam-se as seguintes disposições.

(2) Se uma invenção for feita exclusivamente, ou pelo menos em 50%, por cientista ou técnico enviado segundo o Artigo 4 do presente Convênio Especial, com o qual a parte contratante retribuidora ou instituição por ela designada não tenha concluído contrato de trabalho, e se a parte contratante ou empregador que o enviou reivindicar essa invenção, deverá ser concedida à parte contratante retribuidora uma licença sobre a patente concedida no seu país para essa invenção. A licença é isenta de taxas, desde que a invenção seja usada exclusivamente para fins de pesquisa. Em caso de uma utilização comercial da invenção, deverá ser paga uma taxa de licença adequada. Ao fixar-se o montante da taxa, serão concedidas as condições mais favoráveis. A licença não é exclusiva e irrevogável. Poderão ser concedidas sublicenças, em entendimento com o titular dos direitos de patente. Se a parte contratante ou empregador que reivindicar a invenção não tiver interesse direto em requerer a concessão de patente no país da parte contratante retribuidora, esta deverá ser consultada sobre seu interesse em apresentar tal requerimento de patente. Em caso afirmativo, a parte contratante retribuidora solicitará à outra parte contratante que requeira a patente no país da parte contratante retribuidora, reembolsando-lhe todas as despesas vinculadas ao requerimento do registro e à conservação dos direitos de patente.

(3) Se uma invenção for feita exclusivamente, ou pelo menos em 50%, por um cientista ou técnico enviado segundo o Artigo 4 do presente Convênio Especial, com o qual a parte contratante recebedora ou instituição por ela designada concluiu um contrato de trabalho e se a parte contratante recebedora ou o empregador reivindicar essa invenção, deverá ser concedida à parte contratante que envia uma licença sobre patente concedida no seu país para essa invenção. A licença é isenta de taxas, desde que a invenção seja usada exclusivamente para fins de pesquisa. Em caso de utilização comercial da invenção deverá ser paga uma taxa de licença adequada. Ao fixar-se o montante da taxa, serão concedidas à parte contratante que envia as condições mais favoráveis. A licença não é exclusiva e irrevogável. A parte contratante que envia poderá, em entendimento com o titular do direito da patente, conceder sublicenças no seu país. Se a parte contratante recebedora ou empregador que reivindicou a invenção não tiver interesse direto em requerer patente no país da parte contratante que envia, esta deverá ser consultada sobre seu interesse em apresentar tal requerimento de patente. Em caso afirmativo, a parte contratante que envia solicitará à parte contratante recebedora que requeira a patente no país da parte contratante que envia e reembolsando-lhe todas as despesas resultantes do registro e da conservação dos direitos de patente.

(4) Caso os cientistas ou técnicos enviados no quadro do presente Convênio exerçam suas atividades em estabelecimento pelos quais a parte contratante recebedora não é juridicamente responsável, esta se esforçará para que o responsável pelo estabelecimento conceda à parte contratante que envia o tratamento a que se referem os parágrafos 2 e 3.

(5) Com relação a outras formas específicas de cooperação, inclusive projetos especiais de pesquisa em comum, as Partes estabelecerão a distribuição dos direitos relativos a invenções ou descobertas que resultem de tal cooperação, levando em consideração os lucros, direitos e contribuições das Partes.

Artigo sexto

Conhecimentos e experiência não publicados, que os técnicos enviados no âmbito do presente Acordo adquiram em instituições do país da parte recebedora, deverão ser tratados confidencialmente. Nas negociações referentes a cada projeto deverá ser especificado o grau de confidencialidade a manter-se, especialmente no que concerne à utilização desses conhecimentos na produção industrial e a sua transferência para terceiros.

Artigo sétimo

A STI e o KFA se reunirão periodicamente para avaliação dos programas e manterão a Comissão Mista Teuto-Brasileira informada sobre o estado da cooperação mediante relatórios anuais sobre o programa de cooperação.

Artigo oitavo

(1) As Partes não se responsabilizarão por prejuízos causados por cientistas ou técnicos enviados no quadro do presente Convênio.

(2) Os cientistas ou técnicos enviados no quadro deste Convênio somente serão responsáveis perante a parte recebedora quando houverem causado danos intencionalmente.

(3) No caso de danos causados por cientistas ou técnicos enviados durante o exercício da atividade prevista no presente Convênio, a parte con-

tratante recebedora os isentará de pretensões de terceiros, a menos que tenham causado o dano intencionalmente.

Artigo nono

O presente Convênio entrará em vigor uma vez aprovado pelos respectivos governos, mediante troca de notas.

Artigo décimo

O presente Convênio poderá ser rescindido por qualquer das partes, mediante aviso prévio de pelo menos doze meses.

Artigo décimo primeiro

O presente Convênio Especial foi assinado em dois originais em línguas alemã e portuguesa, sendo os dois textos igualmente idênticos.

Feito em Julich, em 8 de março de 1978.

A Comitiva que Acompanhou o Presidente Geisel à República Federal da Alemanha

Acompanharam o Presidente Ernesto Geisel, sua esposa e filha à República Federal da Alemanha, na comitiva oficial: o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Antonio F. Azeredo da Silveira e senhora; o Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen; o Ministro da Indústria e Comércio, Ângelo Calmon de Sá; o Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki; o Ministro-Chefe da Secretaria do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso; o Ministro-Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, General-de-Brigada Gustavo Moraes Rego Reis e senhora; o Senador Virgílio de Moraes Fernandes Távora; o Deputado Federal Rogério da Silva Rego; o Embaixador do Brasil na República Federal da Alemanha, Jorge de Carvalho e Silva e senhora; o Chefe do Departamento da Europa do Ministério das Relações Exteriores, Embaixador João Paulo do Rio Branco; o Chefe do Cerimonial do Ministério das Relações Exteriores, Ministro João Carlos Pessoa Fragoso; o Chefe do Cerimonial da Presidência da República, Ministro Jorge Carlos Ribeiro; o Chefe do Departamento de Promoção Comercial do Ministério das Relações Exteriores, Embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima. Seguiram como convidados especiais: o Presidente do Banco do Brasil, Karlros Heinz Rischbieter; o Presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, Marcos Pereira Vianna; o Presidente do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico, José Dion de Mello Telles; o Secretário de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, José Baptista Vidal; o Presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Hervásio Guimarães de Carvalho; o Presidente da "Empresas Nucleares Brasileiras S.A. — Nuclebras", Ministro Paulo Nogueira Batista; o Secretário Executivo do Conselho de Desenvolvimento Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, Guilherme Hatab; o Diretor da Área Externa do Banco Central do Brasil, Farnão Carlos Botelho Bracher; o Diretor Geral da Cacex, Benedicto Fonseca Moreira; o Presidente da "Furnas Centrais Elétricas S.A.", Licínio Marcelo Seabra; o Presidente da "S.A. Empresa de Viação Aérea Rio Grandense-Varig", Erik de Carvalho; o Ministro para Assuntos Comerciais, Fanor Cumplido Júnior; da Editora Bloch, o Senhor Salomão Schwartzman; o Senhor Cornélio Franco, do "Jornal de Brasília"; o Senhor Jorge Calmon Bittencourt, Diretor do jornal "A Tarde"; o Senhor Armando No-

gueira, Diretor da "Rede Globo"; o Senhor João Jorge Saad, Diretor Presidente da "Rede de Rádio e Televisão Bandeirantes"; o Senhor Camilo Teixeira da Costa, Diretor Presidente da "Rede Tupi de Televisão"; o Coronel-aviador Thales de Almeida Júnior, o Coronel Wilberto Luiz Lima, o Coronel José Maria de Toledo Camargo, o Coronel-médico Américo Soverchi Mourão, o Capitão-de-mar-e-guerra Claus Dieter Eichler e o Senhor Heitor Aquino Ferreira, da Presidência da República; os Ministros Adolpho Corrêa de Sá e Benevides, João A. de Médicis e Mauro Mendes de Azeredo; os Conselheiros Gilberto C. Paranhos Velloso, Marco Cesar Meira Naslauský, Luiz Felipe Palmeira Lampreia, Ronaldo Mota Sardenberg, Renato Prado Guimarães, Sebastião do Rego Barros Neto, Carlos Átila Alvares da Silva, Marcelo Didier e Cláudio S. Caio; os Secretários Carlos A. Rego Santos Neves, Fernando de Moura Fagundes, José Alfredo Graça Lima, Gilberto Vergne Sabóia, João Zicardi Navajas, Paulo Dias Pereira, Víctor M. de Mello Vianna e Sérgio M. da Costa Palazzo, do Ministério das Relações Exteriores; o Tenente-coronel aviador Trajano Antônio M. de Azambuja, o Tenente-coronel Germano Arnoldi Pedrozo, o Tenente-coronel Carlos Alberto Quijano, o Major Ronaldo Braga de Oliveira, o Major Dante Jorge C. Viegas, o Major José Plínio Monteiro, o Major Ruy da Costa Nogueira Alves, o Capitão-de-corveta Ralph Rabello de Vasconcellos Rosa, o Doutor Gilberto de Abreu Pires e o Senhor Oduvaldo Pereira Valadão, da Presidência da República.

Como a Imprensa Mundial Viu a Visita

"Die Welt" (RFA) — "As relações econômica teuto-brasileiras estão adquirindo dimensões tão espetaculares que, mesmo os mais otimistas, não teriam julgado possíveis há alguns anos atrás."

"Berliner Morgenpost" (RFA) — "Comparado a países comunistas ou outros países autoritários do Terceiro Mundo, o Brasil dispõe de uma ordem social livre. Apresenta-se o Brasil, de fato, bastante diferente do quadro que seus adversários esquerdistas costumam traçar."

"Handelsbratt" (Duesseldorf-RFA) — "O Brasil já adquiriu uma certa independência econômica frente aos Estados Unidos; desta independência econômica, a RFA e o Japão tiraram proveito."

"O Comércio do Porto" (Porto-Portugal) — "Por outro lado, embora o Ministério Brasileiro dos Negócios Estrangeiros desvincule a viagem de Geisel da visita que semanas depois efetuará ao Brasil o Presidente James Carter, dos Estados Unidos, os observadores consideram que a consolidação das relações Brasília-Bonn será importante para a posição a assumir pelo Brasil durante a visita do Chefe do Estado norte-americano."

"Mundo Color" (Montevidéu) — "O ponto significativo das negociações seria o aumento da participação alemã no Brasil, por meio de financiamentos, de exportação, de tecnologia, especialmente no campo nuclear."

A Imprensa do Brasil Analisa a Visita

"O Estado de S. Paulo" — "A 'aliança especial' funda-se, assim, num amplo entendimento econômico, financeiro e tecnológico. Como dissemos de início, qualquer que seja o juízo que façamos sobre essa opção fundamental de política internacional, ela consagra o pragmatismo alemão e o brasileiro e confirma a fundamentação dessa orientação: o interesse nacional."

"Jornal de Brasília" — "A visita do Presidente Geisel à Alemanha Ocidental abriu novas opções para a diplomacia e para a economia do país no exterior."

"Folha de São Paulo" — "O Governo brasileiro parece que conseguiu, pelo menos até agora, alcançar os seus objetivos prioritários quanto ao acordo nuclear com a Alemanha. A viagem do Presidente Ernesto Geisel foi estrategicamente programada, desde o momento em que o acordo começava a ser analisado pelos especialistas brasileiros e combatido pelos Estados Unidos e por outros países."

"Correio Braziliense" — "A viagem do Presidente Geisel à República Federal da Alemanha, como as anteriores que ele realizou à França, à Inglaterra e ao Japão, está se constituindo em êxito excepcional. É a prova de que temos uma diplomacia afiada como uma navalha e se adiantando aos acontecimentos."

"O Globo" — "A Alemanha Ocidental apresenta-se hoje como excelente sócio internacional do Brasil. Não apenas pelo volume e pela qualificação crescente das trocas bilaterais ou pelos programas de cooperação que chegam ao grau requintado do acordo atômico."

Presidência da República

BIBLIOTECA

REMETENTE

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
PALÁCIO DO PLANALTO - 3.º ANDAR
70 000 - BRASÍLIA - DF